

**EDNA BITTELBRUNN**

**PATERNIDADE SOLITÁRIA:  
LIMITES E POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial á obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary Garcia Castro

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elaine Pedreira  
Rabinovich

Salvador  
2008

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PROGRAMA DE MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

**EDNA BITTELBRUNN**

**PATERNIDADE SOLITÁRIA:  
LIMITES E POSSIBILIDADES**

Salvador  
2008

*“Além da felicidade e satisfação envolvidas, criar filhos é também um trabalho pesado, desgastante, que envolve tremenda responsabilidade e exige uma enorme disponibilidade. E que uma vez começado, não pode ser abandonado ao seu bel-prazer. Todos os pais e mães deveriam ter consciência disto ao se alistarem-ou serem convocados-para esta nobre missão”.*  
*LeMasters e Defrain*

**Aos pais que educam seus filhos sozinhos...**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo conforto nas horas difíceis e pela vitória concretizada neste trabalho.

Agradeço a minha família pelos cuidados e investimento na minha história de vida.

À minha orientadora Profr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mary Castro, por toda a colaboração, sendo fundamental para a construção desta dissertação.

À professora Dr<sup>a</sup> Elaine Pedreira Rabinovich pela dedicação na conclusão deste trabalho.

Ao Professor Dr. Perminio Souza Ferreira representante do “novo pai”.

Ao meu companheiro de todas as horas José Roberto de Sena pelo apoio nessa trajetória.

A Universidade Federal de Santa Catarina que proporcionou meu contato com pesquisa e extensão, indiretamente responsável por minha vinda para Bahia.

A universidade do Estado da Bahia, aos professores e alunos, pela solidariedade e trocas de saberes.

As amigas: Adriana, Mara, Luciana, Nalma e Silvana pelos incentivos e apoio emocional/pedagógico.

Enfim, desejo agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho ao longo desses anos.

## RESUMO

Os indicadores demográficos revelam a crescente diversidade dos arranjos familiares. Num breve olhar sobre o fenômeno familiar contemporâneo encontramos um crescente número de divórcios, de famílias reconstituídas, monoparentais e chefiadas por mulheres, a rarefação das famílias numerosas entre outras diversidades. Porém, tais modelações da estrutura familiar não são suficientes para entender, por exemplo, como está se constituindo os lugares sociais de pai, mãe, filho, em termos de relações intrafamiliares. A família monoparental composta apenas pelo homem é ainda rara em detrimento das mulheres sós, sendo assim esses homens de certa forma subvertem a ordem social onde o feminino é sinônimo de cuidados infantis. A produção literária nacional não apresenta expressividade quanto da participação efetiva do homem como cuidador solitário dos filhos. Assim sendo, este trabalho teve como intenção colocar a paternidade na agenda de discussões sobre diversidades de tipos de família, investigando como o homem vivencia (e gerencia) o confronto entre a memória histórica do que é ser pai e as novas expectativas para seu papel. Ante a complexidade do tema paternidade foram mobilizados conceitos de Sociologia, em particular, da Sociologia reflexiva e da Teoria Psicossocial da Personalidade quanto aos conceitos de função paterna. Trata-se de um estudo de caso em que quatro pais cuidadores únicos (solteiro, viúvo, separado) foram entrevistados em profundidade quanto a: história de vida no que diz respeito aos cuidados familiares, o ex-casal no quesito de como eram realizadas as tarefas de cuidado, a representação social do homem e a rede de apoio. Os resultados mostraram que a assunção paterna solitária possui repertório diversificado, ora buscando requisitos no tradicional (família de origem) ora ressignificando aspectos de um “novo pai”, principalmente no tipo de vínculo afetivo.

Palavras-chave: paternidade; família monoparental; novo pai.

## **ABSTRACT**

Demographic indicators reveal the increasing diversity of family arrangements. In an brief look on the contemporary family phenomenon a crescent number of divorces, of reconstituted, monoparental and women-led families is to be found, among others, the diminution of numerous families. However, such modellings of the family structure are not enough to understand, for instance, how the social places of a father, mother, son are changing, in terms of intrafamilial relationships. The monoparental family composed only by the man is still rare compared to that of the lone woman. Thus, these men subvert in a way the social order where the feminine is synonymous with taking care of children. There is no expressive national literary production regarding the effective participation of the man as the children's only caretaker. Thus, this work intended to put paternity in the calendar of discussions about diversities of family types, investigating how the man lives (and manages) the confrontation among the historical memory of what is to be a father and the new expectations for his role. Given the complexity of the paternity theme concepts of Sociology were mobilized, in particular those of reflexive Sociology and of the Psychosocial Theory of the Personality regarding the concepts of paternal function. It is a case study in which four fathers, only caretakers (single, widower and divorced) were interviewed in depth as for: life history in what concerns taking care of the family, the former marriage, to know how home chores were accomplished, the man's social representation and his support net. The results showed that the lonely paternal care possesses a diversified repertoire, sometimes looking for requirements in the traditional (family of origin) other times a resignifying the "new father's" aspects, mainly in the type of affectionate bond.

Key words: paternity; monoparental family; new father.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	
<b>Temas, questões e plano dos capítulos.....</b>	<b>10</b>
<b>2. Metodologia.....</b>	<b>21</b>
Procedimentos Metodológicos.....	21
a) Ordenação do trabalho e instrumentos utilizados.....	21
b) Participantes das entrevistas.....	23
<b>3. A história do pai.....</b>	<b>26</b>
3.1. A construção da função paterna.....	26
3.2. A família monoparental: onde está o pai dessa criança?.....	29
3.3. Os pais como filhos.....	33
3.4. O nascimento do filho: circunstâncias e sentimentos.....	37
3.5. Construção da personalidade dos filhos sob enfoque psicossocial.....	41
3.6. O casal, a separação e a assunção paterna solitária.....	43
<b>4. Papéis: pai e mãe, entre a tradição e mudanças.....</b>	<b>56</b>
4.1 Inquietações de educar sozinho.....	64
4.2. O consumo de álcool na vida dos pais.....	71
4.3. Rede de Apoio.....	76
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>80</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>86</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>94</b>

## **Introdução**

### **Temas, questões atuais e plano dos capítulos**

Num breve olhar sobre o fenômeno familiar contemporâneo encontramos um crescente número de divórcios, de famílias reconstituídas, monoparentais e chefiadas por mulheres, a rarefação das famílias numerosas, o colapso da família patriarcal, no ocidente, entre outras diversidades. (PETRINI, MOREIRA e ALCÂNTARA, 2003; JACQUET e COSTA, 2004). O tempo presente requer outros esforços que contemplem a diversidade de aspectos que permeiam o contexto familiar na sua heterogeneidade.

Reiterando fenômenos contemporâneos, emergem inquietações sobre qual a função paterna neste cenário de mudanças. No interior da família, a figura paterna foi a que se tornou alvo de maior desgaste e das maiores resistências (CARDOSO, 2005). Pesquisas nacionais têm se esforçado para responder a questões relacionadas à paternidade na atualidade, não demonstrando exaustão do assunto. (SAFFIOTI, 2004; CARDOSO, 2005; MONTGOMERY, 1998; GOULART, 2005; GOMES e RESENDE, 2004) As pesquisas iniciais ainda mostram o conceito de paternidade ou mesmo a divisão das funções de cuidados na relação do casal, da família nuclear composta por pai, mãe e filhos. Já a paternidade exercida de forma solitária é ainda pouco discutida. (BREDA, 1999).

A partir da década de 80 no Brasil e 60 em outros países da Europa, estudos sobre a paternidade se tornaram expressivos, enfatizando a responsabilidade do homem não só no exercício de pai, mas também na divisão de tarefas domésticas. O que ainda sustenta a injusta dupla jornada das mulheres-mães? Por que ainda são admitidas as substituições de cuidados pelo outro feminino, atribuindo o estereótipo de gênero que é dado a elas, mães e mulheres em geral, o dom natural de cuidar...? (AQUINO, 1998; NOLASCO, 2001; BARSTED, 1998).

Sabemos que, apesar dos índices de natalidade terem diminuído a maternidade não foi descartada, com maior presença da mulher no mercado de trabalho: ela foi repaginada pela maternidade tardia, pela redução no número de filhos e pela

divisão da tarefa de educar/criar com outras pessoas e/ou instituições. Porém, as questões de gênero ainda encontram um diálogo com o passado. No imaginário coletivo ainda habitam resquícios dos papéis tradicionais que cada um ocupava (mãe nos cuidados domésticos; pai no ambiente público), o que poderia de certa forma contribuir para a escassez de pesquisas no campo da paternidade solitária. Pesquisa citada por Burdon (1998) observa que em situações em que o pai fica só há claras evidências de que os homens podem cruzar a linha da demarcação dos sexos (a tradicional divisão de papéis) e ser competentes no trabalho doméstico, seja por opção, seja por necessidade.

Pela complexidade do tema, optou-se por investigar como os pais, nascidos em meio a mudanças sociais/familiares em que a paternidade está inclusa (nascidos a partir dos anos 60), constroem seus repertórios de cuidados.

A pesquisa parte do pressuposto de que investigando a trajetória de papéis desempenhados por pais e mães será possível conhecer aspectos que subsidiam a dinâmica da família monoparental masculina. Para tal o seguinte problema foi discutido: Em que medida o pai exerce as funções de cuidar (saúde, alimentação, lazer, educação) sem a participação e presença materna? Como o pai ressignifica (ou não) modelos de educação tradicional da sua história de vida para seu desempenho de pai solitário?

A intenção é buscar compreender essas interrogações citadas acima a partir da perspectiva, das vozes dos pais que cuidam dos seus filhos sozinhos e dialogar com a literatura existente. Porém, inúmeros questionamentos ainda circundam as questões sobre homem/paternidade, constatando-se um grande vazio de informações na contemporaneidade.

A questão da paternidade provoca amplas discussões além dessa que se optou que foi a paternidade sem a coabitação da mãe na mesma residência. Circundam diversos temas relacionados à paternidade na atualidade, como a violência doméstica, em que, para alguns homens, a virilidade e o poder justificariam ações violentas ou seriam sinônimos de um “homem de verdade” (NOLASCO, 2001). Essa relação do pai (homem) no ambiente doméstico é de certa forma negligenciada nos debates de paternidade.

O que fazer, então, quando o vínculo pai e filhos, que deveria se basear na relação construtiva de respeito e orientação, transfigura-se em agressão, violência, negligências, abusos, deixando feridas abertas num período em que a condição peculiar de desenvolvimento (infância e adolescência) requer subsídios para a construção da sua personalidade?

Se, como analisa Bruschini (2000), a família se coloca como um *locus* privilegiado nas configurações de laços e base para socialização no espaço de tempo presente e futuro, as vivências dos membros dessa família estarão de certa forma comprometidos pela configuração do medo, insegurança e conseqüências que as diversas formas de violência podem apresentar.

Na família, encontramos uma gama de experiências emocionais, relações primárias e secundárias de afeto, gratificantes ou não. Espera-se que a família produza cuidados, proteção, aprendizagens de afeto, subsídios para formação dos afetos e da identidade (GOULART, 2005). Porém, a família, nas suas relações de intimidade, também é palco de grandes índices de violências, corroborando Giddens (2005) para quem a casa é um lugar muito perigoso da sociedade moderna.

Mesmo que não haja causalidade determinista entre estilos de cuidados parentais e personalidade dos filhos, como ressaltam Lordelo, Carvalho e Koller (2002), a estrutura emocional do espaço privado deve ser levada em conta. As pesquisadoras sugerem que devem haver algumas configurações ambientais que favoreçam mais o desenvolvimento do que outras. O contexto indica diferentes condições de vida em que as crianças nascem, vivem e se desenvolvem, sendo que ambientes aversivos não propiciam o capital psicológico (BASTOS, ALCÂNTARA e FERREIRA-SANTOS, 2002). Capital psicológico é conceituado como comportamentos, conceitos e vínculos relacionados à saúde emocional dos membros da família, no caso, os filhos.

Enquanto pesquisadores enfocam uma pequena revolução na paternidade (GIFFIN, 1999; CAMPOS, 1999; SILVEIRA, 1998) sob o foco de maior proximidade afetiva e participação nas atividades de cuidados, existe, por outro

lado, um segmento inverso de ausência de suporte emocional na figuração de um pai perverso (GUERRA, 2001) que provoca dor e sofrimento na intimidade do lar.

Assim, no padrão de relacionamento interpessoal familiar, há também um modelo de pai abusivo na interação com os filhos, que dessacraliza a família e de certa forma provoca a sociedade para entrar no espaço privado, não somente visando a intervenção, mas também com debate e prevenção para a violência no lar, onde a família pode ser compreendida também como palco de delitos.

A violência, como aponta Nolasco (2001) via análise do IBGE (1998), apresenta grande diversidade quanto à idade, cor e classe social, mas se concentra com grande correspondência estatística, na categoria sexo, e é masculino. Na prática, os homens morrem mais, envolvidos em diferentes situações de violência

(agressões físicas, acidentes, guerra, conflitos armados). A probabilidade de um homem cometer assassinato é nove vezes maior do que uma mulher e estupro seguido de violência chega a 78 vezes.

Os dados não são menos brandos para o homem que pratica a violência dentro do lar, para com os seus. Vale analisar aqui, onde temos como objeto de estudo a relação pai filho que, na violência doméstica, eles são os protagonistas primordiais.

São o pai e em segundo lugar o padrasto os maiores agressores no caso de violência sexual doméstica contra criança e adolescentes; na violência física doméstica, a mãe lidera a infeliz estatística (GUERRA e AZEVEDO, 2001; NOLASCO, 2001).

Não há uma interpretação segura quanto aos dados estatísticos desse fenômeno. Eles são questionados por GUERRA e AZEVEDO (2001), que chamam essas estatísticas de dados probabilísticos, visto que a estrutura de denúncia e descrédito do andamento e providência dos casos de violência impedem uma análise real da situação brasileira, relatando a violência doméstica como uma pandemia nacional.

O fenômeno da violência doméstica no Brasil tem merecido atenção dos estudiosos há pouco mais de 20 anos.

Os meios de comunicação, especificamente em datas comemorativas, como o Dia dos Pais, trazem uma imagem ideológica dos pais nas tipologias de: provedor, protetor da prole, patrono do lar, amigos e próximos afetivamente dos filhos, ou em seu momento de transição na atualidade. Mas o pai-patrão, o que se utiliza de uma autoridade abusiva, que disciplina com espancamento e intimidação a atividade, o comportamento da mulher e dos filhos, não é muito questionado, explicitado, debatido, assim como o pai tóxico que pratica incesto com as filhas, filhos e até mesmo com netos e netas, não aparece nos debates e documentários sobre o Dia dos Pais.

Veículo provocador do consumo, a mídia na sua diversidade (TV, jornais, revistas, rádios) associa a venda de produtos com imagens de um pai idealizado na perfeição da bondade, que provoque nos consumidores a sedução via mensagens positivas de um pai que merece ser presenteado ao mesmo tempo em que exclui debates das possíveis tipologias de pais, o que favoreceria indicar a representação social do mesmo, e não a unilateralidade desse personagem (GUARESCHI, 2004).

A amostra pesquisada corrobora com dois episódios do qual a mãe da criança, que é descrita como instável emocionalmente, se utilizava de violência física como pressuposto “educativo”, censurada pelo pai 3, dizendo então, que ela teria cessado este comportamento. O pai 1 descreve sua trajetória enquanto vítima de violência física tanto da professora primária quanto dos pais, e que seus filhos também receberam a “palmadinha” educativa. Relata que a relação de mãe e filho era mais afetiva e próxima do que a de filho com pai, o que “facilitava” certas liberdades com a mãe que acabava batendo mais do que o pai; ela batia de palmatória o que ele justifica dizendo que batia para “exemplar”.

Outro tema latente, que permeia a paternidade, está relacionado aos pedidos de testes de DNA que cada vez mais vêm crescendo em quantidade, levantando a hipótese de que os homens estão sendo convocados (estando ausentes dos lares) para assumir a paternidade.

Neste trabalho, podemos observar a assunção paterna espontânea e certo encantamento dos pais ao assumirem tal função sozinhos. Entretanto, muitas

vezes, a função paterna só é assumida quando é exigida judicialmente, não pelo desejo do vínculo.

Desta perspectiva, há a não assunção paterna ou o abandono, como é constatado em vários momentos históricos. Desde a época do Brasil colônia este fenômeno ocorre e a exigência legal de uma paternidade responsável vem na atualidade ocupando pauta de discussões polêmicas.

Nos tempos modernos, a reivindicação ou a revogação da paternidade possibilitada pelos testes de DNA, levanta reflexões biotecnológicas sobre a questão do vínculo de parentesco, construído de forma social até então. Nessa preocupação, entrelaça-se o relacionamento conjugal com companheiras que já possuam filhos, sendo que na dissociação desse laço (conjugal), o da paternidade também é requerido, assim os filhos ora admitidos pelo pai honorário são de certa forma agora rejeitados.

Muitos homens, assim que desfazem seus casamentos, recorrem à legislação para pedir revogação do papel de pai, como citado no artigo “A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA”, de Claudia Fonseca (2004), que analisa enfoques jurídicos e suas conseqüências na configuração familiar. Além disso, reflete sobre a condição emocional do filho, principalmente os que se encontram em fase inicial de desenvolvimento, é colocada em segundo plano (GIFFIN e CAVALCANTI, 1999; DANTAS, JABLONSKI e FÉRES-CARNEIRO, 2004).

O exame de DNA veio não só para atender a legitimação da paternidade como também para investigação de crianças roubadas ou trocadas entre famílias, além da garantia não só à mãe como ao pai também como genitor, havendo, nos últimos anos, uma popularização deste instrumento, tanto nos pedidos como no preço, com possibilidade de ser gratuito ou fornecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde), para os que não possuem o valor estipulado. Há ainda a modalidade de consórcio para tal procedimento, segundo as mulheres pesquisadas por Fonseca (2004), paga-se um “tintinho por mês”.

O que o DNA não resolve é a questão dos vínculos afetivos, o que vigora são as certezas genéticas da paternidade, abrindo uma série de discussões, como, por exemplo: Qual o conceito de paternidade ou o que seria “dar” um pai para a

criança? Ou ainda: após a certeza da paternidade, como pai e filho desconhecidos até então se comportam? Como são estabelecidos ou não laços afetivos até então cobrados pela sociedade, depois do estranhamento de ambos? Como seria a transição do filho sem pai e agora com um nome na certidão de nascimento? Isso supriria sua necessidade de identidade, de ser filho?

Em outro pólo, quando o homem quer investigar para contestar a paternidade, e assim o faz, pode trazer como conseqüências muitas angústias para o filho já instituído, anulando laços afetivos de filiação quando o pai comprova pelo exame que o filho geneticamente não é seu, negando de certa forma os vínculos já existentes.

Estas são questões complexas que ainda estão à procura de respostas, onde a “biologização” das relações familiares através do DNA pode trazer muito mais questionamentos e incertezas do que antagonicamente se propõe.

O leque de problematização sobre paternidade se amplia e a paternidade homossexual é outro tema latente. A discussão sobre a paternidade pela adoção com pais homossexuais vem recebendo diversas manifestações, de apoio ou de repúdio.

O artigo “Avanço nos tribunais e preconceito: adoção por casais *gays*”, publicado no jornal da Universidade Federal de Pernambuco (2001), ganha apoio de juízes, mas gera polêmica e a reportagem do Dia dos Pais (agosto de 2007) do jornal *A Tarde* “Amor paterno que veio em dose dupla”, são exemplos de discussão sobre adoção por homossexuais consentidas ou em processo.

Ambos descrevem a situação contemporânea de nova configuração com laços afetivos de pais do mesmo sexo; porém, o primeiro artigo está direcionado para a polêmica sobre a juíza que reconheceu a união estável de dois homossexuais e os reconheceu como entidade familiar (Direito da Família), o que a princípio é veementemente negado por algumas instituições sociais.

Assim, a juíza confere as conseqüências legais provindas das uniões estáveis, inclusive a adoção pelo casal. Como o próprio artigo sugere, as demais situações que envolvem união e adoção não são tranquilas e casais homossexuais têm adotado filhos como se fossem solteiros, o que é permitido pela legislação vigente.

A homoparentalidade abre portas para um complexo debate, que inclui perguntas do tipo como qual o lugar da paternidade-maternidade em casais homossexuais, como se estabelecem essas relações, que respostas para orientação sexual dos filhos, visto que pesquisas longitudinais na área ainda estão em andamento. Estas questões intrigam a sociedade, mesmo porque teorias que prezavam referenciais masculinos e femininos para a criança terão que ampliar (e até repensar) suas dimensões de estudo de gêneros.

A visão de exclusão e preconceito quanto a homossexuais da sociedade ainda é uma constante. Alguns pais se preocupam com a formação de um filho que no futuro não irá se tornar um homossexual para não ser rechaçado pelos grupos sociais. Sua crença pessoal e conceitual sobre a homossexualidade não caracteriza uma dimensão de aceitação.

Não é surpresa que alguns pais possuem a crença de que o afeto demonstrado pode afetar a orientação sexual do filho. O depoimento de um pai revelou a preocupação específica sobre educar meninos para (como se fosse possível) evitar a homossexualidade. Ele ressaltou que sempre quis ser um pai presente e carinhoso, porém temia que, ao dar muito carinho (abraços, beijos), o filho tenderia à homossexualidade. Lendo a respeito da educação de meninos, ele entendeu que poderia abraçar à vontade sem que isso implicasse na orientação sexual do filho.

Diante de diversas questões atuais da paternidade como as brevemente descritas acima, optou se por estudar o pai que, no universo de tantas interrogações e mudanças, se coloca com protagonista solitário no processo de educar seus filhos. Norteiam o trabalho de campo com pais que criam seus filhos sós algumas questões temáticas, como:

- 1) A história de vida do entrevistado no que diz respeito aos cuidados familiares, ressaltando o que se reproduz da família original dos pais e o que pertence à sua experiência, o que se apresenta como novo, ou ressignificado, por vivências singulares, mudanças.

Inicialmente foi explorada a história de vida do entrevistado, no que diz respeito aos cuidados familiares recebidos. Nesta primeira parte, o entrevistado falava

sobre sua infância e adolescência, especificamente de como e com quem eram realizadas as funções de cuidados como saúde, escola, lazer; assim como e quem sustentava financeiramente esta família original.

2) A história do ex-casal, para melhor discutir como se realizavam papéis de maternagem e de paternagem quando a família tinha outra configuração e para melhor identificar escolhas, relações sociais de parentesco-como pai e mãe, pai e filho, mãe e filho, tios e avós envolvidos nesta trama de cuidados familiares.

Também, neste segundo segmento foi investigada a vida do ex-casal, desde a decisão de gerar um filho, os cuidados em casal para com o filho, depois o processo de separação, até a decisão da guarda do filho para o homem.

3) Representação social do homem segundo os entrevistados, apresentando a visão deles sobre relações sociais de gênero, quanto à economia de cuidados com filhos e como as pessoas próximas codificam o pai sozinho.

A representação social do homem foi abordada na terceira parte da entrevista, investigando qual a percepção que este pai possuía de si, na tarefa solitária de cuidar dos filhos, e ainda qual a percepção que os outros, as pessoas próximas, possuíam dele. Observando se houve, neste duo de opiniões, pelas vozes dos pais, a redefinição dos papéis masculinos e femininos de paternidade e maternidade.

4) Ao investigar a rede de apoio, a intenção foi discutir em que medida há mulheres, parentes, outras pessoas que oferecem suporte para esse pai só, mesmo sem a presença da mãe-mulher diretamente. Nesta parte da entrevista foi solicitado ao pai que comentasse sobre a rede de apoio para auxiliá-lo na tarefa de cuidar, incluindo desde a conversa com pais na mesma situação, a frequência em grupos de apoio, o auxílio de um especialista, literatura especializada, enfim como e com quem ele se nutria na tarefa de educar.

Também como um questionamento subjacente a toda a análise, surge a reflexão:

Que tipo de filho para ser pai o pai-homem está criando?

No item dedicado à metodologia, na primeira parte (a) foi exposta a ordenação do trabalho e instrumentos e, na segunda (b), é feita a descrição dos participantes da entrevista.

O item 2 apresenta uma breve história sobre paternidade e sua construção. As leituras contemporâneas da psicanálise ofereceram pressupostos, entrelaçadas com problemáticas aqui discutidas, como o álcool. O percurso do papel do pai na sociedade teve como pano de fundo a história e a sociologia reflexiva, teorias usadas para a reflexão de como o modo de vida e de produção se relaciona não só com a família, mas com o modo do pai se comportar.

Paralelo ao histórico do pai, são apontadas algumas mudanças nas diferenças de gênero referentes a cuidados e a relação com a família monoparental (seja masculina em contraste com a feminina) também são apresentadas no item 2, o qual ainda contempla o percurso dos pais até chegarem a assumir sozinhos seus filhos, descrevendo os aspectos relacionados ao casal, a separação e motivos para a assunção paterna solitária do filho, descrevendo o contexto que esse fato ocorreu.

No item 3, há a continuação da discussão sobre papéis de pai e mãe, da tradição aos tempos atuais, entrelaçando com material empírico, além de um breve debate sobre o alcoolismo na vida dos homens pais.

O tema alcoolismo se faz presente no item 3 pelo seu aparecimento, na pesquisa de campo, tanto na história de vida pregressa quanto na atual de alguns pais. É contemplado neste capítulo a rede de apoio que os pais recebem na atualidade.

Finalizando o trabalho, são feitas algumas considerações nas quais se observa que, como as falas são examinadas em capítulos anteriores, os dados para a análise foram aí distribuídos, tornando-se desnecessário dedicar um capítulo de resultados especial para isso.

Os resultados começam a ser debatidos a partir do item 2, especificamente no subtítulo 2.3, tentando responder às temáticas apontadas até o item 3, sabendo que, segundo proposta de Colombo (2005), o pesquisador deve promover narrativas que explicitem as várias vozes interpretativas, evitando o finalismo e determinismo. Por exemplo, haveria uma única resposta (um comportamento específico) para pais que se habilitam em educar sozinhos? A proposta de uma narrativa reflexiva é a de participar de um universo discursivo, de fazer com que

seus achados possam ser levados em consideração como partida plausível para uma reflexão dialógica sobre o social.

Ressaltando que a intenção não seria avaliar qualitativamente se a atuação do pai seria superior ou inferior à da mãe, e sim questionar o absolutismo do estereótipo de gênero, em que o feminino é soberano e único capacitado para os cuidados e criação de filhos. Muitos dos homens são excluídos numa esfera próxima, por suas próprias companheiras, as “gerentes” domésticas (BURDON, 1998), que se agarram a (e se satisfazem com) esta fonte de poder do ambiente doméstico que resistem em compartilhar.

No panorama atual, surge a necessidade de redefinição do papel do homem no ambiente privado e de a mulher redefinir sua postura em relação ao companheiro, para que não se instalem vastos conflitos de gêneros, senão “... às mulheres os ansiolíticos... aos homens os infartos...”, como sugere Barsted (1998, p. 69), uma autora que não se mostra indiferente e lamenta: “... se ao menos eles aceitassem um tranqüilizante...”

Enfim, modelos de famílias devem ser constantemente repensados (o que já se vislumbra na figura paterna) com a seriedade e a cautela de quem pretende tomar nos braços uma nova geração

## **2. Metodologia**

### **Procedimentos metodológicos**

#### a) Ordenação do trabalho e instrumentos utilizados

A análise de dados é feita através de pressupostos da psicologia do desenvolvimento (BRAGHIROLI, 2000) e da psicanálise (GOULART, 2005, ROHENKOHL, 1997; ROUDINESCO, 2003) discutindo a figura paterna, vínculos, afetividade e subjetividades e também a psicologia social, interconectada com correntes da sociologia no que diz respeito a reflexões sobre a representação social do homem, o que também implica refletir sobre o papel da mulher na atualidade (NOLASCO, 2001; LANE, 2004; SAFFIOTI, 2004) e, conseqüentemente, a maternidade e a paternidade.

A sociologia reflexiva oferece embasamento para esta pesquisa, evidenciando um olhar que, mesmo na consciência de caráter localmente construído do conhecimento, não renuncie apresentar as generalizações, dentro de um discurso que considere as diversidades, os múltiplos pontos de vista e as diferentes interpretações dos diferentes sujeitos presentes na realidade considerada e construída pela pesquisa (COLOMBO, 2005).

A explícita presença de várias vozes pretende indicar que a interpretação nunca chega a um ponto final, que a idéia de uma última leitura – uma correspondência unívoca entre texto e significado – é ilusória.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro pais, contendo questões sobre histórico do casal, família original e modos de educar-criar o filho atual, além da função de sustento.

A entrevista é considerada um adequado instrumento quando se trata de pesquisa qualitativa, pois, como sua estrutura é semi-aberta, o informante poderá acrescentar comentários ou explicá-los, proporcionando uma interação maior entre pesquisador e informante (HAGUETTE, 2001). Como qualquer outra técnica de coleta de dados, a entrevista possui limitações e pode ser contaminada por falsas

percepções e subjetividades de ambos os envolvidos no processo (HAGUETTE, 2001; LEHFELD E BARROS, 2003).

Para complemento da pesquisa foi utilizado o diário de campo, que serviu de base para reflexões sobre a realização da pesquisa, dificuldades, assertividades, sentimentos e aspectos que levam à construção do conhecimento. Segundo Colombo (2005), a forma do diário convida o leitor a percorrer o mesmo caminho do pesquisador, a colocar-se lado a lado do autor na viagem de imersão no desconhecido para reemergir com novos e inesperados conhecimentos.

Foi realizada, ainda, uma entrevista suplementar com a irmã do pai n. 1, pois este se mostrou muito resistente, talvez desmotivado ou apenas muito direto nas suas respostas, o que não favorecia uma análise investigativa. A irmã descarta qualquer mal-estar, dizendo ser ele mais resguardado, e acrescenta dados sobre a vida conjugal e o processo de separação, assim como a trajetória para que os filhos fossem morar com aquele pai.

O contato inicial, assim como a indicação de homens que se adequavam aos critérios, contou com a ajuda dos amigos, conhecidos, pessoas próximas, logo o referido pai já estava semi-avisado, tendo uma breve idéia do que se trataria na pesquisa. Dois pais (1 e 3) se mostraram resistentes e mais curiosos (dúvidas como “para que essa pesquisa?”, “de onde?”, “quem me indicou?”, “por quê?”, e frases como: “Vou pensar, me ligue semana que vem”, ilustram essa observação). O objetivo do trabalho foi esclarecido via telefone e em seguida foi feita a pesquisa de campo.

As entrevistas se deram tanto na casa do entrevistado (pai 1), no local de estudo, na faculdade (pai 2), na biblioteca deste mestrado (pais 3 e 4). A ida à residência do pai (1) favoreceu percepções do cotidiano de sua família, porém os locais foram escolhidos pelos pais e não foi possível visitar os lares dos demais, que sugeriram outros locais, devido a suas agendas. Antes do início das entrevistas, todos concordaram em assinar a carta de anuência, autorizando o uso das informações prestadas (anexo 1).

A parte inicial da entrevista continha questões sobre dados pessoais do entrevistado, como idade, escolaridade, profissão, renda, número de filhos e

idades respectivas, assim como o tempo de cuidado que o pai possuía sozinho com seus filhos (anexo 2).

As entrevistas foram gravadas em MP3 e em seguida transcritas, não sendo literalmente observadas e analisadas na pesquisa, utilizando-se apenas conteúdos que respondiam às quatro temáticas ou categorias propostas. As anotações no diário de campo foram feitas logo após a realização das entrevistas, com informações complementares.

#### b) Participantes das entrevistas

Foram selecionados homens que criavam seus filhos sem a presença da mãe, com o prazo mínimo de convivência de três anos, de classe média.

Os estudos que envolvem as camadas médias (CALDANA, 1998; ABOIM, 2004; SARTI, 2003), de onde provêm os pais aqui investigados, nos levam a pensar que a função de educar envolva repensar valores ora autoritários e punitivos para introduzir uma educação que estimule a autonomia e o respeito à criança como sujeito ativo. Uma preocupação centrada no “não exigir, mas sim ensinar”(GOMES e RESENDE, 2004). Neste contexto das camadas médias (onde a corrida para a sobrevivência não é objetivo primário), educar os filhos é uma meta a que na atualidade se dedica muita atenção e esforços, o que não suprime as angústias e interrogações a respeito desta tarefa.

Para encontrar os participantes, foi necessária ajuda de colegas e pessoas próximas indicando tais homens-pais, devido ao seu escasso número. Neste processo, algumas das indicações foram logo descartadas, pois muitos pais contavam com a namorada, babás, mães ou tias em apoio, o que não caracterizaria uma família monoparental masculina. Foi utilizado o termo: família monoparental masculina como sinônimo de pai sozinho que cria seus filhos, pois o termo pode ser ampliado para qualquer membro parental, um tio, um avô, outro que esteja cuidando, criando sozinho. No caso presente subentende-se o pai que está só e não outro membro.

A dificuldade em encontrar os participantes também recaiu sobre os critérios apontados. O tempo de cuidados igual ou superior a três anos, por exemplo, nos fez desistir de entrevistar alguns pais que só recentemente haviam tomado seus filhos para morar juntos. Outros pais, que possuíam uma relação instável, em que os filhos iam e vinham em tempos assistemáticos, também foram descartados, por não se encaixarem na categoria da paternidade solitária.

Por ordem de entrevistas, foram nomeados Pais 1, 2, 3 e 4. Segue a caracterização deles, esclarecendo que a condição de casamento não implicará em legalização da união ou ritual religioso e sim em coabitação, em união estável entre os pares.

Com idade de 47 anos, o Pai 1 é formado em ciências contábeis e trabalha como funcionário público federal. Foi casado duas vezes e está na sua segunda separação. Os filhos de que cuida são do primeiro casamento. Tem três filhos homens, dois do primeiro casamento, de 16 e 20 anos, e um caçula, de 7 anos, que mora com a segunda ex-esposa. Este pai apresenta quatro anos de convivência com os dois primeiros filhos sem a presença da mãe.

O Pai 2, com 40 anos na época da entrevista, é formado em psicologia e microempresário. Tem dois filhos homens, de 16 e 18 anos, com os quais convive há quatro anos. Este pai possui um diferencial em relação aos outros: faz psicoterapia há aproximadamente nove anos. Conta com apoio psicoterápico, o que, segundo ele, foi fundamental para a sua trajetória paterna e estilo de vida.

O Pai 3, de 41 anos, é artista plástico e tem um filho de nove anos, do qual cuida desde 2003. Tem histórico de casamento conturbado, porém vive em harmonia com o papel de pai sozinho, pois “curte” tal processo, apesar das dificuldades, o que será abordado no decorrer da dissertação. Gosta de esportes, faz mergulhos e jiu jitsu acompanhado pelo filho.

O Pai 4, de 46 anos, cuida de dois meninos de nove e onze anos, é comerciante da área gráfica e vive há 10 anos só com os filhos, desde a morte da esposa. É o único viúvo dos participantes da pesquisa, uma vez que os outros três, como já informamos, são separados.

Quadro 1: Dados sócio-demográficos dos pais entrevistados.

Pais	Idade	Estado civil	Profissão	Escolaridade	Nº. de filhos homens*	Tempo de cuidar só
(1)	47 anos	Separado	Contador	Superior	Três	Quatro anos
(2)	40 anos	Separado	Empresário	Formando em psicologia	Dois	Quatro anos
(3)	41 anos	Separado	Artesão	2º grau	Um	Cinco anos
(4)	46 anos	Viúvo	Comerciante	2º grau	Dois	Dez anos

\* Todos os pais cuidam de filhos do sexo masculino.

Todos os pais são de classe média, encontram-se na mesma faixa etária (40 anos) e são separados, com exceção do Pai 4, que é viúvo. O tempo de cuidados de todos é superior a três anos e, com isso, o grupo apresentado é relativamente homogêneo e permite falar de um perfil sociodemográfico de pais sozinhos específico.

### **3. A história do pai**

#### **3.1. A construção da função paterna**

Privilegiaremos a explanação do pai, enquanto recorte numa breve passagem temporal pela história, e seus movimentos na contemporaneidade, sob o prisma da sociologia reflexiva e pressupostos psicológicos na constituição subjetiva da função paterna.

Os diferentes modos de viver socialmente (assim como os diferentes modos de produção) respaldam algumas concepções de família. A vida no campo, por exemplo, coloca os membros da família trabalhando juntos em atividade de subsistência, distintamente das fases pré-industrial e industrial, que nos fornecem grandes mudanças na família e no papel do pai-provedor.

A família do séc. XVIII vivenciou o processo pré-industrial, no qual homens e mulheres trabalhavam juntos na casa e no campo, o sustento era produzido e consumido desta via. No sistema econômico rural, esperava-se do pai que ele exercesse poder sobre a família, fosse até pouco afetivo, desde que assegurasse aos filhos o crescimento com o apropriado senso de valores, honra e religião (PRADO, PIOVANOTTI e VIEIRA, 2004).

Subseqüentemente, acontece a industrialização, em que o trabalho se localiza fora de casa, quem traz o dinheiro tem a denominação de provedor do lar e, a princípio, coloca-se o homem nessa função. A ele é destinado o espaço público caracterizado pela busca do sustento. À mulher são destinados o gerenciamento da casa e a educação dos filhos. Porém, não era incomum na indústria paulista brasileira, até o início do século XX (convertendo em exemplo contrário dessa não simetria: homem - provedor – público), mulheres e crianças servirem de mão-de-obra para o sustento da casa (SARTI, 2005). Os filhos e esposas, muitas vezes agenciados pelos pais e maridos, cujos baixos salários não davam para manter a família, eram rapidamente empregados. As mulheres e crianças eram requisitadas

pela indústria e exploradas pelos empregadores da indústria sem se livrar de suas atribuições no âmbito doméstico.

Montgomery (1998) faz caminhar, de forma não linear, entre um pai distante, figura austera, um pai que era autoridade máxima e provedor, e um pai que busca maior interesse e afetividade com os filhos, o pai educador. Também colocado na pauta de discussões, este pai, que antes se manteve protegido, em silêncio, se eximindo da tarefa de educar (o que tornava qualquer insucesso nesta atividade consequência do mau desempenho materno), agora é “chamado” a desempenhar funções tidas no passado e no imaginário social como pertencentes ao universo feminino.

Um adendo se faz quando presenciamos no senso comum comentários nostálgicos, por meio dos quais é recordado o pai “antigo”. Este é comparado como pior, ou melhor, na sua qualidade de vínculo em confronto com o “novo” pai. Ser um bom pai depende de um conjunto de fatores, de regras implícitas de um grupo em um determinado período histórico, portanto, o conceito deveria extinguir o julgamento de valores. Entretanto, o julgamento sentimental, no sentido de amor e ódio, é freqüentemente apontado pelos pesquisadores e escritores, quando dedicam suas obras ao pai amado, saudosos das passagens da infância e suas lições de vida. Montgomery (1998), Prado, Piovanotti e Vieira (2004) e Ramil (2006) fazem coro homenageando seus pais, enquanto Franz Kafka em sua *Carta ao pai* (1986) relata a amargura e o ódio que guardava de seu pai. Essa obra (*Carta*) nunca foi enviada ao destinatário nem pretendia ter caráter literário. Mostra-se mais como reflexão plena de angústia e interrogações sobre os desencontros entre pai e filho. Entre vários depoimentos, fala de um pai que o esmagou como uma minhoca na parte de trás, mas do qual ele se libertou com a parte dianteira e sobreviveu arrastando-se. Nessa frágil e complicada relação, relembra o pai na infância (e em outras fases), onde sentimentos se confundem e se coloca culpado por todo desafeto que o pai sentia por ele.

“Você tinha um jeito de sorrir particularmente belo, bem raro de se ver, um riso satisfeito, afável que podia tornar muito feliz aquele a quem se dirigia. Não consigo me lembrar de que ele

tivesse sido expressamente concedido a mim na infância, mas isso sem dúvida deve ter acontecido, pois por que você o teria negado naquela época, já que eu ainda lhe parecia inocente e era sua grande esperança? Aliás, também essas impressões amáveis não lograram com o tempo outra coisa senão aumentar a minha consciência de culpa e tornar o mundo ainda mais incompreensível para mim.” (KAFKA, 1986, p.28).

O pai exercia um poder concreto (de patriarca), com certa violência psicológica sob seu comportamento, na sua vida. Comenta Kafka que para punir, quando o próprio fazia algo que não era de seu agrado, um complexo ritual de tortura se instalava:

“É fato que você nunca me bateu de verdade. Mas os gritos, o enrubescimento do seu rosto, o gesto de tirar a cinta e deixá-la pronta no espaldar da cadeira para mim eram quase piores. É como quando alguém deve ser enforcado. Se ele é realmente enforcado, então morre e acaba tudo. Mas se precisa presenciar todos os preparativos para o enforcamento e só fica sabendo do seu indulto quando o laço pende diante do seu rosto, então ele pode ter de sofrer a vida toda com isso. Além do mais, das muitas vezes em que, em sua opinião declarada, eu teria merecido uma surra, mas escapara por um triz por causa da sua clemência, se acumulava de novo um grande sentimento de culpa.” (KAFKA, 1986, p30).

Considerado um dos maiores escritores, Franz Kafka declara a presença esmagadora da figura de seu pai na sua vida, questão intranquila que o acompanhou durante a sua existência, Kafka faleceu em um sanatório aos 40 anos.

Muitos escreveram e escrevem sobre bênçãos e tragédias proporcionadas pelos pais; assim, caracterizar e qualificar a função paterna pode ser deslocado de uma forma individualizada para um contexto mais amplo quando, por exemplo, tentamos localizar o pai neste breve percurso histórico, percebendo e refletindo que o conceito de paternidade não é auto-referido.

### 3.2. A família monoparental: onde está o pai dessa criança?

Desde os primórdios ao século XX, podemos observar transformações que modificaram as relações humanas, sejam pensadas entre os seres humanos sejam delimitadas nos contornos da subjetividade humana (GOULART, 2005; CARDOSO, 2005).

Apesar do processo de mudanças na família não ter acontecido no mesmo ritmo e na mesma forma em diferentes países, a grande diversidade de famílias e configurações apresenta-se: os casamentos tendem a diminuir e/ou serem realizados de forma mais tardia pelas pessoas; o índice de divórcios subiu significativamente, assim como o crescimento de famílias monoparentais.

As famílias reconstituídas também se fizeram mais presentes, por meio de segundos casamentos ou de novas relações que envolvem filhos de relações anteriores. As pessoas optam cada vez mais por viver em coabitação antes do casamento, ou em alternativa ao casamento (GIDDENS, 2005).

A família monoparental também se faz visível nesta diversidade, com predominância da mãe que cuida sozinha dos filhos, porém não é um fenômeno hodierno, se tomarmos como exemplo a história no Brasil colônia, na qual o abandono oferecia característica para a família monoparental feminina, quando os homens-pais se deslocavam de suas cidades de origem em busca de empregos em outros lugares e acabavam por formar novas famílias deixando a primeira sem qualquer tipo de assistência, consolidando a não assunção ou abandono paterno (BRUSCHINI, 2000; BASTOS, ALCÂNTARA & FERREIRA-SANTOS, 2002). Outro fator agravante era a relação entre escravas e seus patrões, resultando em filhos não assumidos pela dificuldade na escravidão de se constituir e conservar núcleos familiares.

Nos núcleos domésticos monoparentais, a grande maioria (90%) são chefiados por mulheres, apesar das famílias monoparentais masculinas apresentarem um

pequeno crescimento a nível mundial (GIDDENS, 2005). Mais de 20% dos filhos são dependentes em educação e saúde; são menores ou ainda não construíram sua independência financeira e/ou emocional.

As famílias compostas apenas pelo pai alcançam um percentual pequeno, embora crescente, representando menos que 10% da população brasileira (BERQUÓ, 1998), acompanhando tendência internacional. No IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, não consta dados sobre pais educando seus filhos sozinhos.

É grande a diferença de percentuais para a composição do homem no lar frente à mulher chefe de família. Embora os femininos sejam em número visivelmente maior, podemos analisar como expressiva a quantidade de núcleos monoparentais masculinos, quando no passado essa configuração para os homens não era assumida, nem discutida, sendo um fenômeno quase invisível.

Nas estatísticas recentes do IBGE (2005), encontramos a categoria: mulheres que assumem o lar sem cônjuge. Estas ocupam 25% da população no Brasil. Segundo dados do IBGE, apresentados por Spitz (2006), são apontados percentuais de 29,6% para famílias brasileiras nas quais a mulher é a responsável pelo seu domicílio, chamadas chefes de família. Desse percentual, a metade não tem cônjuge e mora com os filhos.

Essa situação encontra apoio nos dados internacionais, nos quais um terço das crianças do mundo está sem pai na sua convivência no lar (GIFFIN, 1998; SCOTT, 2001).

A função paterna clama por discussão; porém, na prática, principalmente entre as famílias mais pobres, ela é pouco encontrada nos lares, tanto as discussões como os próprios pais. Os dados do IBGE de famílias monoparentais femininas ratificam a ausência física dos pais e sugerem outro tipo de ausência: a do vínculo afetivo de qualidade dentro da família, em que a presença destes pais poderia vir a representar.

Assim, enquanto as famílias chefiadas por mulheres sem cônjuge, em Salvador (BA), correspondem a 30% do total, as chefiadas por homens sem cônjuge e com filhos não mereceu sequer pesquisa. Não há constatação do número de pais

comandando o lar sem a presença da mãe-esposa, o que evidencia um silêncio da literatura nacional também em relação a dados quantitativos. (anexo 3)

A expressividade do papel da mãe no tocante à educação sempre foi mais contemplada pela literatura e até legitimada. Já as contribuições dos pais nessa tarefa surgem de forma tímida.

A família monoparental, um dos tipos de família previstos na Constituição de 1988, é definida quando os filhos vivem só com o pai ou só com a mãe em situação de viuvez, divórcio ou celibato, conceito emprestado do Direito de Família (AZEVEDO, 2007).

A família monoparental, segundo o artigo “Monoparental, eu?”,<sup>1</sup> foi bastante estudada e enquadrada como um dos modelos de família sem nenhuma restrição. O artigo aponta que, nos últimos 25 anos, esta família não havia recebido tantas críticas como atualmente, sendo um modelo de família incorporada ao tecido social, validando-se tanto quanto uma família tradicional. Porém pesquisas recentes rechaçam esta configuração familiar, associando-a patologias sociais.

Artigos como os de Ribeiro (2007) e Morandé (1999) corroboram tal relação. Os autores se debruçam sobre a relação de problemas de desvios de comportamento e família monoparental, apontando para a ausência da figura paterna. Ribeiro (2007) atribui comportamentos de roubos e delinquência juvenil e a origem da violência a uma ausência de vínculo afetivo do pai com o filho. Esse filho que não teve pai passa a cometer delitos, retornando a idéia da presença da figura paterna como formadora de personalidade e comportamentos filiais, e não da qualidade do vínculo.

O autor reflete que a ausência dos pais, na figura do homem, é um dos fatores que estão na origem de grande parte da violência e do uso de drogas, e que esses fatores podem se interpotencializar. Ressalta ainda que o tema da “Paternidade Responsável” deveria fazer parte da agenda de discussões sobre o Brasil numa perspectiva de gerações e problemas sociais, estruturais. Nas suas palavras “... é hora de propor mais pai em casa, mais pai na escola, mais pai nas ruas de nossas cidades” (RIBEIRO, 2007, p. 34).

<sup>1</sup> MONOPARENTAL, eu? *Interprensa*. Ano IV, n. 36. Disponível em :<<http://portaldafamilia.com/artigos>>.

No mesmo artigo, é colocado em debate que a presença do pai não requer o conceito físico e que poderá se falar de uma “função paterna”, que é delegável para outra pessoa, sendo outro homem, o avó, uma tia, no conceito de orientar, mostrar limites e transmitir valores. O artigo, que conta com opiniões de especialistas, psicólogo e psiquiatra, reflete que a função dita paterna pode ser exercida por outra pessoa quer do sexo feminino ou masculino, rejeitando o processo de transferência, conceito teórico da psicanálise, da figura paterna para outras figuras masculinas, na busca e processamento de um pai.

Não ter quem desempenhe essa função (orientar, mostrar limites e transmitir valores) não é privilégio apenas de crianças pobres; a omissão, segundo autor, é democrática e acontece em todas as camadas. Exemplificando esse argumento, cita o comportamento da classe média e alta em praticar delitos e formar quadrilhas, além de envolvimento com tráfico de drogas.

Segundo relatos de Morandé (1999), apoiados em pesquisas americanas e européias, muitos problemas relacionados à dificuldade de aprendizagem podem ter na sua origem dificuldades emocionais, como da ausência do pai, função e presença, e não de ordem cognitiva.

Assim, tratamentos voltados para função cognitiva e pedagógica não seriam bem-sucedidos, cabendo investigação da situação afetiva envolvida. Logo, para transtornos emocionais na infância, os pais são chamados para a discussão novamente.

Retornando ao lar monoparental, quando a mãe está sozinha não significa, no caso de separação, que o pai tenha sumido da vida dos filhos, mas, na maior parte dos casos, isso ocorre (UNBEHAUM, 2001), deixando muitas vezes as mulheres em situação financeira fragilizada para o sustento da prole, numa simples reflexão: se hoje a dificuldade de um casal educar os filhos é notável, fazê-lo sozinha (o) é muito mais, tratando se de custos.

Em torno de 60% das famílias monoparentais, de acordo com dados internacionais, surgem devido à separação ou divórcio. A maior parte das pessoas não deseja ser pai ou mãe solteiro ou sozinho, mas já existe uma minoria crescente que faz esta escolha (GIDDENS, 2005).

### 3.3. Os pais como filhos

Os cuidados recebidos pelos entrevistados via sua família de origem forneceram a dimensão de pesquisar na história de vida quem os fornecia, de que forma se configurava essa família, desde a estrutura até quem realizava as tarefas domésticas e de provenção financeira, oferecendo subsídios para o confronto posterior das suas posturas enquanto pais.

O Pai 1 relata que trabalhou desde muito cedo e que desde pequeno até o momento, sua vida sempre foi de muito trabalho e esforço:

*Desde cedo trabalhava na roça, plantando e colhendo, ajudando meu pai e minha família que é de sete irmãos, quatro homens e três mulheres. Todos os meninos na roça, a mãe ficava em casa para o bem de todos, ela não tinha ajuda, lavava, passava, cuidava da comida e também batia muito na gente, era só a gente desobedecer. Os homens, no caso os meninos, né? Pois com exceção do meu pai, éramos crianças, ajudávamos a plantar, colher e alimentar os animais. Não dava muito tempo de ajudar, por exemplo, nas tarefas da minha mãe, quando a gente chegava ao meio dia almoçava e já era para voltar para a roça, a noite era um cansaço só. Minha mãe trabalhava muito em casa e só mais tarde quando veio a minha irmã é que ela tinha uma ajudante.*

Na história de cuidados a mãe ajudava nas tarefas da escola, além dos afazeres domésticos. Quando acontecia de a mãe ter que se ausentar, por exemplo, se um dos filhos ficasse doente e precisasse de médico, vinha uma tia para cuidar, o pai trabalhava na roça junto com os meninos e vendia parte da colheita para os demais suprimentos da casa. A descrição de seu pai:

*Meu pai era só de olhar e a gente obedecia, era dura, travessura que ele não gostava batia na gente. Era o jeito dele, ele não estudou muito, mas tinha essa preocupação. O pai, apesar de morar em um sítio no interior da Bahia, distante mais ou menos 600 km (Cidade mais próxima) de Salvador e não ter estudado tinha uma preocupação que os filhos vencessem na vida. Meu pai era uma pessoa muito humilde mais via nos estudos uma saída para nós todos, não queria que os filhos ficassem lá na roça. Ele ficava sempre na roça, sempre trabalhando, mas era apaixonado pelos estudos, tinha*

*toda preocupação com o nosso estudo. Essa preocupação fez com que meu pai enviasse os filhos para estudar na cidade, pois lá no sítio não tinha escola, então ficamos numa casa na cidade com uma tia para cuidar da gente, aos 8 anos fui para a cidade em companhia de meu irmão de 7 anos. Meu pai trabalhava para a gente se manter na cidade. Ele nos visitava a cada semana, a mãe enviava suprimentos comida da roça, ela sempre mandava alguma coisa, um requeijão, alguma coisa, bajulava a gente.*

A ida para a cidade proporcionou a esse pai outra estrutura de cuidados, ele e seu irmão ficarão sob os cuidados da tia e do tio; porém, a configuração de papéis tradicionais entre esse casal não se diferenciava de seus pais:

*Minha tia cuidava da gente, nós ajudávamos a buscar água e lenha*

*a casa ainda não tinha, mas a tia fazia tudo, todos os serviços domésticos e ajudava a gente na tarefa, mas só quando precisávamos, meu tio viajava pois trabalhava no garimpo, mas ele trazia sempre o sustento da casa.*

Nos cuidados recebidos do Pai 2, estiveram presentes a avó logo no início da vida, com um ano e meio. Aos três anos retornou ao convívio com a mãe; porém ante a inconstância de empregos da mãe, foi morar com seus padrinhos, dos sete aos dez anos e depois novamente com a mãe. O problema de alcoolismo do pai (retratado no capítulo 3) fez com que sua relação fosse de certa forma distante. Da tia e tio que cuidaram, fala com certo desconforto:

*Na realidade quem cuidava de mim era minha tia, minha madrinha, ela tinha quatro filhos. Meu tio trabalhava o dia todo, fazia as compras da casa, a parte de manutenção financeira era com ele, ela que botava a gente para fazer a tarefa, tomar banho, comer... Claro que ela não me tratava como os filhos dela, não sei no que, mas não era um tratamento igual, e sei lá para mim teve alguns momentos que eu me sentia triste, eu tava longe do meu pai e da minha mãe, para mim foi ruim...A minha mãe sempre ia lá me ver, ela tinha um padrão de vida razoável, com a família na época de solteira e depois teve que*

*trabalhar, ela só estudava e teve que trabalhar para me sustentar, ela é formada em patologia, começou a trabalhar, não podia tomar conta de mim...*

*Minha tia cuidava, ia para as reuniões de pais, na escola quando precisava, mas meus primos também estudavam na mesma escola, aí facilitava já ia para a reunião de todos. Mas quando minha mãe conseguiu um certo dinheiro, estava melhor, fui morar com ela num pensionato, aí fiquei com ela até casar. Minha mãe como era sozinha trabalhava muito para nos sustentar e exigia muito de mim também, não era uma mãe tradicional, eu sempre ajudava nos afazeres de casa ou me virava quando ela tava ausente, na alimentação por exemplo, quando eu tava na escola comia em qualquer lugar que faziam almoço.*

O pai que enfrentava problemas com álcool não demonstrava presença física nem indireta, como, por exemplo, ajudar financeiramente. Este pai conta que sua mãe nunca obedeceu ao estereótipo de “rainha do lar”, sempre esteve correndo atrás de prover o lar. Ao se separar, ela nunca teve nenhum auxílio financeiro. A vida era difícil, segundo sua própria descrição e sua mãe sempre batalhando:

*Minha mãe ficava o dia todo fora, como só tinha eu e ela, ela trazia o dinheiro e eu cuidava das coisas da casa, quando já estava crescendo, ela dizia: “Eu trabalho e sou sozinha para sustentar nós dois, você vai ter que me ajudar, tenho que ser pai e mãe ao mesmo tempo”. Ela fez com que eu amadurecesse muito rápido, logo depois fiquei sozinho, pois ela foi para Maceió por uma proposta de emprego, ela não poderia recusar, dependíamos deste dinheiro. Raramente meu pai conseguia dinheiro e ajudava a gente, na formatura da minha mãe ele foi comigo comprar a roupa, isso eu lembro. Minha mãe, sempre batalhando e estudando, ela era sobrecarregada, ela nunca foi uma mãe tradicional, por todas essas circunstâncias*

O Pai 2 relatou que seu pai se afastou dele logo na infância:

*Com meu pai não tive muito contato... ele já tinha problemas...bebia muito... Eu via meu pai poucas vezes, até eu fazer dez anos eu vi meu pai no máximo dez vezes. Ele*

*sumia, tinha períodos que ele simplesmente sumia ninguém sabia onde ele estava...*

*Quando meu pai se separou, acho que ele se separou de mim e da minha mãe, era como se eu não existisse...*

O mesmo pai relata que as dificuldades financeiras eram constantes e a mãe trabalhava muito para conseguir suprir o sustento do lar, o que tinha conseqüências emocionais, pois ela vivia estressada e acabava afetando a relação mãe e filho, ele diz que a mãe “descontava” suas agruras nele.

O Pai 3, artista plástico, acompanhou a separação dos pais e sofreu com a ausência da mãe, provocada pelo recasamento do pai, com quem ele morava:

*Meus pais eram separados desde que eu tinha três anos. Quando eles se separaram, minha mãe saiu de casa e eu fiquei ali, pois meu pai teve um caso na rua e se casou com essa mulher. Passei a minha infância afastado da minha mãe, ela gostava de mim, mas evitava me visitar por causa da outra mulher do meu pai.*

O mesmo pai conta que foi cuidado mais de perto pelas avós e tias:

*Fui criado com avós e tias, meus pais eram separados como já falei, meu pai saía muito para trabalhar, quase não parava em casa, aí quem cuidava de mim eram as tias, a avó e também como a casa era grande, as tias dele (do meu pai) também cuidavam de mim. Era uma casa muito grande ali no Rio Vermelho, aqueles casarões que davam de uma rua a outra*

O Pai 4 conta que viveu até o início da sua adolescência em uma família nuclear, em que até existia presença física de ambos os genitores, porém com carência de suporte emocional. Ele caracteriza seu pai como bastante ausente e sua mãe como problemática:

*Meu pai sempre foi rígido, nunca tivemos um relacionamento afetivo próximo, só depois de adulto é que dei o primeiro beijo nele. Ele achou estranho, mas acho que gostou, talvez na época não tinha jeito para isso... Minha mãe sempre foi*

*uma pessoa problemática..., não tinha iniciativa, ficava o dia assistindo televisão e conversava muito, mas não com a gente, os filhos. Era estranho, ela contava para os outros, tipo para os vizinhos, coisas que eu fazia de errado, não falava para mim...*

Quanto aos cuidados, conta que teve uma verdadeira mãe, sua empregada:

*Ela é que cuidava da gente, cozinhava, dava carinho para a gente, pegava no colo. Acho que os meus pais foram muito ausentes, só lembro de coisas da infância feitas com Isaura, minhas lembranças são com ela, até as brigas de rua da gente ela se intrometia...*

*Eu me lembro também da minha avó materna, que já faleceu. Ela era muito amorosa com a gente, e a gente adorava ela também. Lembro-me da paciência e do sorriso dela, ela tinha amor pela gente, morou um tempo também com a gente, quando éramos pequenos (Pai 4).*

A ausência do pai também foi sentida pelo Pai 4, o que serviu de reflexão para seu próprio exercício da paternidade:

*Quando meu pai se separou da minha mãe, ele ficou muito ausente na nossa vida. Ele já tinha outra família. Quando meu filho, o segundo, nasceu, eu trabalhava em outro estado, pedi demissão, a empresa era do meu pai, ele me criticou muito, achava que o dever do pai era só trazer dinheiro para o sustento da família. Meu pai não deu nenhuma assistência à minha mãe, não ajudava, eu queria ficar perto dos meus filhos, principalmente porque eles já estavam sem mãe.*

As histórias de vida como filho e as reflexões sobre comportamentos e demandas do pai e da mãe muitas vezes são o referencial primário para o desempenho do papel de cuidados; três dos quatro pais tiveram a ruptura dos próprios pais via separação (Pai 2,3 e 4). Apenas um permaneceu em família nuclear (Pai 1), porém nos cuidados todos tiveram uma rede de apoio seja em avós, madrinhas, tias, empregadas e tios.

Nesta rede de cuidados oferecidos aos entrevistados, seja de parentesco ou não, como no caso da empregada, tão diversa, o que pode ser comum foi a divisão de tarefas, as quais as mulheres se encarregavam das funções domésticas (exceção da mãe sozinha -Pai 2) e os homens do sustento do lar.

### 3.4. O nascimento do filho: circunstâncias e sentimentos

Segundo Heinowitz (2005), há uma inversão simbólica nas funções de pai e filho, no momento do nascimento. O autor fala que o nascimento de um filho deixa o homem em estado de choque, aturdido, pois experimenta o milagre da vida, um sentimento indescritível que une espiritualidade com o concreto, na presença física do bebê. O filho é tido como uma realização pessoal, uma provação da masculinidade. Ser pai é então iniciar um novo capítulo na vida do homem. Assim, segundo o autor, o filho é quem dá à luz o pai.

Nas palavras do Pai 2 podemos observar alguns destes aspectos:

*Eu não tinha noção do que era ser pai, da responsabilidade, quando meu filho nasceu... rapaz... foi um choque! Nasceu bonitinho, lindo e tal, na verdade quando eu tive meu filho acho que comecei a mudar minha vida, acho que foi um ponto crucial. Eu não me sentia mais sozinho, eu não me sentia mais sozinho, sabe? Eles me preencheram, quando eu morava com a minha mãe eu ia para casa da minha tia ficar com meus primos, porque me sentia sozinho, eu era filho único e praticamente não via meu pai. Aliás também não tinha uma mãe sempre perto não... Ele e depois o outro ocuparam esse espaço de solidão, de alguma forma eu comecei a querer batalhar mais, querer conquistar mais coisas.*

O nascimento do filho também provoca memórias da paternidade, oferecendo um modelo pessoal de vinculação com seu filho, que possivelmente será reelaborado, nas palavras dos pais:

*Eu tinha um desejo muito grande de ser pai, acho que maior do que o dela de ser mãe, queria ter um filho para fazer tudo o que meu pai não fez comigo. Olha... meu pai era fechado, não era muito de carinho, era econômico, então não gastava muito comigo, mão-fechada, eu andava solto, eu andava por aí, ele não sai comigo, eu pescava na praia, ali no Rio Vermelho, nadava, hoje eu pesco com meu filho, mas ele não pescava comigo. Ele tava sempre muito ocupado e cansado. Mas do jeito dele acho que ele gostava da gente, tinha um sentimento bom, mas estava sempre entrando e saindo, e quando foi chegando um monte de meninos (meus irmãos) ele ficou mais cansado ainda... (Pai 3)*

Gomes e Resende (2004) refletem que a vida é uma longa busca de reuniões com o pai, e este pode representar várias características: pode ser o pai amado, o aliado, o desprezível e vários outros.

O Pai 1 fala que o primeiro filho não foi planejado, que a mãe era ainda muito imatura (tinha 16 anos), era muito nova. Ele não expressou nenhum comentário a respeito da sensação de ter sido pai, apenas disse que casou logo ao saber da gravidez, mas não se sentiu confortável de tecer maiores comentários, talvez pelo desfecho da separação e boatos de traição sofrida.

O Pai 4 relatou o encantamento no nascimento do primeiro filho, porém, no segundo, no qual perdeu a esposa no parto, as dimensões e sentimentos foram bastante diferentes. Disse que, com a morte da esposa e nascimento do segundo filho quase que simultaneamente (a mãe morreu duas horas após o parto), ele ficou duplamente abalado e que um novo mundo cheio de interrogações se apresentava.

Este pai teve que lidar com a emoção de ter um filho, com a morte da esposa e ainda com a preocupação de ter um filho recém-nascido também contaminado com HIV, enfim as exigências emocionais foram complexas:

*Eu fiquei apavorado, soube da notícia poucas horas antes de ela morrer. Levei ela com dores para o hospital, ainda estava com sete meses de gravidez. Depois de alguns exames, o médico me chamou e disse: "A situação dela é gravíssima, nenhum órgão está funcionando direito, rins, pâncreas, nada funciona, vamos tentar salvar a mãe e retirar*

*o bebê, não teremos garantia da vida de nenhum dos dois.” Ela morreu logo após o nascimento do filho, que ficou ainda 45 dias na UTI. Meu filho corria o risco de estar contaminado também, mas graças a Deus não, fizemos todos os exames e repetimos. Eu fiquei anestesiado por muito tempo, tentava levar a vida sem pensar tanto na catástrofe, acho que o próprio organismo se protege de tanto sofrimento para a gente não pirar... (Pai 4)*

O mesmo pai reflete que com o primeiro filho era um pouco distante dos cuidados, que não compartilhava tanto dos cuidados, não sabia fazer mamadeira, nem trocar as fraldas, que era um marido tradicional, deixando que a mulher fizesse quase tudo, queria a mesa posta, a comida pronta... ele trazia o dinheiro e que, de repente, tudo mudou, nas palavras dele:

*Essa situação foi terrível, caiu como um raio na minha cabeça, eu achava que iria morrer também, tive que renascer dentro desse novo universo... (Pai 4)*

Este caso refletiu quanto o parto foi doloroso para este pai (4), que conseguiu reorganizar sua vida, tornando-se um resiliente frente à complexidade da situação, aprendendo junto com o segundo filho o conjunto de cuidados, da higiene, alimentação, saúde e as demais preocupações que norteiam a relação filial.

Montgomery (1998) ressalta ainda que comumente, quando da realização de um parto, dá-se à luz três nascimentos: uma mãe, um pai e uma família, provocados pela vinda do bebê.

Ao longo do ciclo vital, os pais são chamados a executar funções de cuidados. No caso do pai artista plástico (3), a mãe não conseguia exercer satisfatoriamente algumas tarefas, o que corrobora de certa forma para desnaturalizar a questão da maternidade como instinto.

A estrutura fragilizada de organização da mãe para com o filho pode ser traduzida pelo relato da professora do menino. O pai contou que, ao ser chamado na escola, a professora comentou que quando o filho morava com a mãe, este chegava bastante atrasado, sem o lanche recomendado para o dia, perdia o horário do transporte que o levava para escola, enfim, situações cotidianas que podem ser

afetadas quando o adulto não se encontra com as devidas condições físicas e emocionais para executá-las.

O Pai 3 esclarece, porém, que a mãe, na medida do possível participava:

Mas quando K. nasceu, foi de cesárea, eu já cuidava dele, levantava de madrugada para cuidar, colocava para arrotar, trocava fraldas, pois ela ainda estava se recuperando do parto. Mas até antes de pegá-lo para morar comigo, eu era muito participativo. Hoje sou com muito prazer, faço porque gosto muito de estar com ele. Ela, quando morava comigo, dividia as tarefas de cuidar, escola, saúde, quando um não podia o outro fazia, mas o horário dela era mais durante o dia, pois cantava, canta à noite.

As decisões eram tomadas, na maioria das vezes pelos dois juntos, eu pedia desconto nas mensalidades e quando a coisa apertava e não dava de pagar, eu atrasava, eu ia às reuniões, vou ainda, mas ela vai quando dá, ela era (?) participativa do jeito dela, ela não era uma vilã, foi mais coisa do casal, não as de pai e mãe, problemas no nosso relacionamento.

A chegada do filho foi um momento especial para a vida dos pais, como podemos constatar nos depoimentos; enquanto casal, dividiam-se entre pais participativos e tradicionais, apesar de auxiliarem as mães assistematicamente, isto é, enquanto os pais se encontravam com suas esposas, um se mostrou bem participativo (pai 3, que na época não tinha emprego fixo) outros se inclinavam para o tipo de pai provedor, preocupando-se em manter o emprego, garantindo o sustento da família (Pai 1,2 e 4).

### 3.5. Construção da personalidade dos filhos sob enfoque psicossocial

Quando os pais se separam e a convivência diária passa a ser apenas com um par parental, há prejuízos desenvolvimentais para a criança? A questão da construção da personalidade é extensa e complexa, com o auxílio da Psicologia do desenvolvimento sob o enfoque Psicossocial, referenciado por estudiosos de Erik Erikson, podemos perceber o processo psicodinâmico dessa construção.

Achados de pesquisas enfocam tanto a ausência do pai quanto da mãe (citados como paternagem e maternagem “saudáveis”) como fator de preocupação para o desenvolvimento da criança, o filho em questão. Os termos maternagem e paternagem referem-se tanto à constituição cultural, conceito, repertório de cuidados, afetividade, enfim, a todo o material que circunda o binômio pais e filhos. (FREITAS, COELHO E SILVA, 2007)

A ausência de um vínculo saudável com a mãe é apontada muitas vezes como fator agravante para um desenvolvimento da personalidade não saudável. Para Erik Erikson, citado por Friedman e Schustack (2004), dentro dos estudos do desenvolvimento psicossocial, a mãe seria a primeira representação da sociedade para a criança. Então, se esta o acolhesse e suprisse suas diversas necessidades, como, por exemplo, de alimento, carinho, temperatura adequada, higiene e outros, o bom relacionamento sem conflitos com o mundo social estaria encaminhado.

Na primeira idade (0 a 1 ano), a interação mãe bebê implicará o surgimento de segurança, confiança ou desconfiança. A criança desenvolverá o senso de segurança e confiança se a mãe atender devidamente a suas necessidades; se a mãe for negligente e não atender as necessidades básicas (afeto, alimentação, aconchego), então teremos um indivíduo propenso a ser desconfiado e inseguro.

Assim, se essa mãe não suprisse tais necessidades, se instalaria a primeira impressão social, de um mundo sofrível e hostil. Erik Erikson compunha seus estudos com base na psicanálise, mas com ênfase no social (HALL, LINDZEY, CAMPBELL, 2000). Na sua teoria, Erikson relata o desenvolvimento emocional e social do ser humano através da teoria clássica das “oito idades do homem”. Nestas, o homem estaria num constante conflito de sentimentos, como por exemplo: confiança x desconfiança, intimidade x relacionamento, que, quando não resolvidos, deixaria seqüelas a ser reelaboradas na fase seguinte. Os conflitos não adquirem o conceito de crise com dramatismo, pois a palavra acompanha a explicação de cada estágio. Crise, para a corrente teoria, seria um momento crucial, quando o desenvolvimento “tem que optar” por uma ou outra direção, mobilizando recursos de crescimento, recuperação (reelaboração) e nova

diferenciação (HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000; FRIEDMAN e SCHUSTACK, 2004).

Contemporâneo de Freud e Piaget, Erikson se destaca por não ter cessado seus estudos na adolescência, como fizeram os demais estudiosos acima citados. Ele ampliou suas pesquisas para até o final da vida, com o estágio denominado integridade x desespero.

A partir dos 65 anos até o final da vida, segundo Erikson, os indivíduos olham para trás e sentem-se ajustados às suas vitórias e fracassos, aceitam o que são e o que conseguiram fazer (integridade), enquanto o desespero é vivido pelos que não sentem satisfação pelos anos vividos e passam o restante do tempo preocupados com o que poderiam ter feito e não fizeram.

Apesar das fases sugerirem o social como fomentador de formação da personalidade, já que novas exigências vão sendo feitas pela sociedade requerendo novas estratégias e respostas dos indivíduos, a forma como cada um enfrentará os desafios de cada estágio vai afetar a construção da sua identidade.

Assim, na primeira infância, se a sociedade se apresentou de forma hostil pela presença ou ausência da mãe ou do pai, a criança ainda teria oportunidade de se reestruturar na próxima etapa, baseada na relação teórica de Erikson: harmonia x conflito. Não promove, assim, a idéia fatídica de uma infância determinista para a formação da personalidade *versus* relacionamento materno/paterno.

Análises, porém, da ausência de um dos pais e suas conseqüências negativas para o desenvolvimento do filho, devem ser cautelosas para que não se confunda a integração de um membro da família (presença física) com a solução de conflitos interpessoais e pessoais, como já apontado, dependendo da estrutura emocional daquele arranjo, da relação de trocas e dramaticidade daquela família.

Segundo Féres-Carneiro (1998), quer os pais estejam casados ou separados, o mais importante para o desenvolvimento emocional dos filhos é a qualidade da relação que se estabelece entre os membros do casal e entre estes e os filhos, e completa dizendo que muitas vezes, a separação conjugal pode ter efeitos construtivos para os membros de uma família, sobretudo quando o preço para manter o casamento é a autodestruição e a destruição do outro.

### 3.6. O casal, a separação e a assunção paterna solitária

O Pai 1 casou devido à gravidez da namorada. Na época dizia que eram imaturos para tal, mas que percebeu no casamento a melhor solução, devido a situação de ser pai, de formar uma família:

*Eu trabalhava no Banco do Brasil, estava cansado, chegava cansado em casa, e achei que seria bom casar, também porque ela engravidou. Ainda namorávamos e ela engravidou daí resolvi casar. Chegava às vezes 10, 11 horas da noite em casa, não tinha horário certo e estava bem estressado, era muito trabalho no banco, achava bom ter uma família.*

O depoimento deste pai revela de certa forma o conceito de casamento que a maioria dos homens possui. Segundo pesquisa de Féres-Carneiro (1998), o conceito é diferenciado para os homens e mulheres: enquanto o primeiro associa casar a constituição de família, o segundo associa a relação amorosa. Fato que pode estar relacionado ao desfecho da separação via desconfiança da traição da esposa.

O Pai 1 se restringiu a fazer breves comentários sobre a ex-mulher, que cuidou dos filhos até a fase da adolescência. Disse que apenas trocam informações sobre a educação dos filhos e que eles a visitam no interior freqüentemente. A suspeita de traição da ex-esposa (segundo seu comentário e informações complementares da irmã do entrevistado) pode ter sido o motivo para uma comunicação menos fluente e constante com a mesma, porém sem um efeito na restrição de contato, em princípio, com os filhos.

Sobre a separação comenta:

*As brigas estavam constantes, já não era a mesma coisa e começou a rolar um boato que ela estava traindo-o, e a cidade por ser pequena comentava bastante o assunto. Foi um bochicho só, aí em menos*

*de um mês a gente se separou. [Ficou desconfortável ao falar, silenciou].*

O Pai 2 relata que nem os filhos estavam gostando de ver os pais juntos pois saíam e as brigas começavam, as traições extra-conjugais também motivaram a ruptura:

*A decisão foi minha de se separar, eu tava crescendo e ela tava parada, eu tava batalhando financeiramente, tentando me entender emocionalmente, pensando em continuar a estudar e ela parada, eu tentando resolver minhas questões na terapia e ela nada, teve um amigo que me disse isso, estávamos em caminhos opostos, diferentes...*

*Na terapia eu descobri que aquele casamento não era o que eu queria, mas eu queria a companhia dos meninos, fiquei com aquilo na minha cabeça, de perdê-los.*

*Eu queria conhecer outras coisas, conhecer outras pessoas, mas foi muito difícil acho que eles também sofreram.*

*Na realidade meu relacionamento com ela já tava difícil, aí quando saía nós quatro, eu ela e os meninos, era só briga, os meninos ficavam chateados, vendo aquilo tudo, a gente saía para passear, mas acabava brigando muito...Acabava não saindo mais tanto.*

Comenta ainda das traições:

*Na época de casamento, eu trai ela várias vezes, ela descobriu, mas pra mim tanto vez, tanto faz, eu fui morar sozinho. Ela também no finalzinho do nosso casamento parece que também me traiu, houve uma conversa, não sei direito.*

*Aluguei uma casa, mas já tinha uma empresa, sai de vendedor e fui trabalhar para mim, já estava melhor, botei uma sociedade com um amigo de infância. Ficou melhor.*

O pai 3 conta que no começo era uma relação de muita paixão que, com o passar dos anos, foi se tornando monótona e insuportável. Completa que o relacionamento dos dois já não estava bom, com muitas brigas e que antes de pesar o financeiro (ela não dava conta do sustento dos dois, mãe e filho) ela usava o menino para que ele (o marido) voltasse para casa. Ela quis ficar com o menino como se fosse uma chantagem segundo o próprio, o que não prevaleceu, pois o pai é que está com a guarda do filho.

O mesmo Pai relata que cuidava mais do que ela mesmo quando estavam juntos, e que, por ela beber e dar escândalo, as brigas tanto fora quanto dentro de casa estavam dificultando a educação do filho, assim como seu estado emocional. A mãe consome álcool (ver capítulo 3) e se separaram quando as brigas já eram freqüentes. Nas palavras dele:

*Tínhamos muita briga, a família da minha “ex” é conhecida como brigona, de barraco, dar escândalos, aliás a família dela toda lá do interior é conhecida por este comportamento. Ela é de não levar desaforos para casa. Nossa relação era bastante conturbada, mas mesmo depois da separação ela tentou que eu voltasse. Dizia: “Vamos deixar disso, volte para a casa”. Mas eu já tava bem decidido.*

Disse que no período pré-separação o menino andava agitado e nervoso, que isso poderia ser conseqüências dos conflitos que o casal vinha tendo. O pai acredita que canalizava este nervosismo batendo nos coleguinhas, se comportando mal na escola e que também não dormia direito.

Féres-Carneiro (1998) sinaliza que o importante, no processo de divórcio, é deixar os filhos fora do conflito conjugal. Ressalta que quem se separa é o par amoroso, o casal conjugal, sendo que o casal parental deveria continuar para sempre com as funções de cuidar, de proteger e de prover as necessidades materiais e afetivas dos filhos, e que é de extrema importância que isto possa ficar claro para eles.

O mesmo pai observa que passada a crise da separação e a vinda para que o filho morasse com ele o quadro mudou:

*Depois que ele veio morar comigo está mais calmo, não bate mais nos colegas, dorme melhor, não tem mais sobressaltos que tinha, acordando de repente, assustado. Na escola também melhorou, a professora disse que ele melhorou seu comportamento.*

Verifica-se que as relações de separações dos pais acima foram bastante conflituosas, os filhos acompanhavam o desenrolar da situação e nem sempre

foram poupados. No primeiro momento ficaram com a mãe, com exceção do Pai 4 que ficou viúvo. Pelo relato que segue não havia frequência nas visitas dos pais 1 e 2, enquanto o Pai 3 sofria de certa forma uma chantagem para que voltasse para casa.

Sobre a ausência do pai após separação, temos também a fala do Pai 1, que, ao se separar, relatou estar em visita constante aos filhos (antes de pegá-los para morar com ele). Este pai afirma que, morando na mesma cidade, sua presença na vida dos filhos quando eles ainda estavam pequenos era constante:

*...acredito que as crianças não sentiram tanto o impacto da separação, pois minha presença era constante, eu sempre ia vê-los a qualquer hora, pois, na separação judicial, ficou acordado que a visita seria livre, sem impedimentos de horários ou dias marcados...*

Porém essa fala foi de certa forma negada pela irmã. Esta revelou que a primeira separação levou seu irmão à beira do alcoolismo, sendo a suspeita de traição também um golpe na sua auto-estima, e que, nessa situação, e até com início de depressão, raramente visitava os filhos: *“Os meninos ficaram muito carentes depois da separação e ele quase não aparecia, bebia muito”* (depoimento da irmã do Pai 1).

Segundo essa irmã, eram eles, os filhos, que o procuravam, sentiam sua falta e iam acompanhá-lo ou até buscá-lo no bar onde estava bebendo.

*Depois que se separou, veio morar em Salvador e os meninos ficaram com a mãe. Os meninos moravam no interior e ele em Salvador. Antes de morarem juntos, eles pouco se viam, acho que umas três vezes por ano* (depoimento da irmã do Pai 1).

O “sumiço” da vida dos filhos após a separação também é reelaborado. Com a ajuda da ex-mulher, os filhos vêm morar com o pai, reintegrando contatos pai e filhos. Segundo relato do Pai 2:

*Acredito que eu melhorei muito como pai depois que os meninos vieram morar comigo. Antes não era assim, não me preocupava tanto, ligava mais não com tanta frequência, eles também sentiram essa melhora favorecida pela proximidade. Fiquei um pai melhor e, segundo a minha ex-mulher, um ex-marido também. Ela até brinca comigo dizendo que se soubesse teria se separado antes... acho que me tornei um homem melhor.*

Podemos refletir que esses pais estão experimentando de perto o papel tão tradicionalmente delegado às mulheres-mães, numa segunda experiência que engloba, entre outras, a redescoberta de vínculos mais próximos com seus filhos, quando os filhos ficam sob suas responsabilidades. A primeira experiência seria o nascimento.

Relacionando com o pouco que se soube sobre as mães, ex-esposas dos entrevistados, tem-se que elas não são ausentes ou hostis com os filhos, embora na comparação com os pais cuidadores (e pelo relato de alguns), eles sugerem que seriam mais apropriados para o cuidado dos mesmos. O Pai 3 faz essa comparação falando do comportamento da mãe de seu filho:

*... ela era e é muito autoritária, não tem jeito para ser mãe, não tem perfil. Ao mesmo tempo em que beija e abraça, daqui a cinco minutos perde a paciência e está berrando e brigando com o menino. Ela é muito nervosa, não tem estabilidade emocional para cuidar. Ela não mantém uma estabilidade emocional, dorme bem, acorda nervosa, pode estar sorrindo dentro de dois minutos está chorando. Isso me irritava nela quando estávamos juntos, estava bem, daqui a pouco lembrava de alguma coisa, pronto, mudava. O menino também está percebendo isso, tanto que ele vai para casa dela e logo quer voltar (Pai 3)*

O Pai 1 relata que antes da separação ela fazia tudo, todos os trabalhos domésticos, só estudava não trabalhava, assim sobrava mais tempo para cuidar dos filhos, porém o filho mais novo sempre deu trabalho, quando estava com a mãe e avós (todos moraram juntos após a separação do casal, avós maternos e mãe), o menino brigava muito:

*A avó ia defender ele, ela também fez o papel de mãe, mas ele era difícil, brigava na rua na escola, batia nos colegas, eram muitas as reclamações do menor na escola, tanto que trouxe ele para morar comigo, pois não havia passado de ano lá no interior (Pai 1).*

O Pai 1 relata que vieram para Salvador morar com ele para estudar, repetindo de certa forma a trajetória que fez ao sair da roça para cidade para estudar enquanto criança:

*Quando vieram morar comigo foi para que pudessem estudar em Salvador, pois na cidade não existe faculdade pública. O mais velho já havia terminado o segundo grau, veio fazer cursinho, sendo que S., o mais novo veio terminar o segundo grau. Sempre tive preocupação com os estudos, também é minha prioridade, e aí pensei e decidi que para eles seria melhor deixar o interior e vir para a capital, também quero que meus filhos estudem numa faculdade pública pela qualidade e depois também pelo custo das particulares que muitas vezes não compensa. O menor tava dando trabalho lá, foi melhor trazê-lo, não quer muito saber de estudo.*

Se por um lado se falou na ausência dos pais na pós separação, por outro lado pode acontecer o inverso, no caso quando a mãe fica com o filho o pai pode reelaborar sua relação com os filhos, pois estariam fora do estresse provocado pela ruptura da relação conjugal. A condição de separados dos seus pares e próximos dos seus filhos, encontra apoio teórico em Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004). Os autores falam de um pai atual, denominado de “emergente”, capaz de participar ativamente dos cuidados e criação dos filhos, e que o divórcio é uma ocasião para potencializar a aproximação de cuidados com os filhos.

Nessa pesquisa, a aproximação se deu na prática de ter a guarda dos filhos pós-separação, aqui os pais não só executam, com preocupação e zelo a tarefa de educarem sozinhos, mas também de reavaliar a situação com a ex-esposa:

*...ela, quando estava com os meninos, vivia dizendo que estava sobrecarregada, que tinha que fazer tudo sozinha. Ela mora longe e não tem carro, e dizia que eu não tinha essas preocupações, que eu ficava longe dos meninos e*

*que só queria namorar e ficar numa boa, mas antes de me separar dela, eu ajudava, eles eram pequenos, eu trabalhava o dia todo, mas levantava à noite, ajudava nas fraldas, dava mamadeira, mas estava batalhando pelo financeiro, quem cuidava mais era a mãe, na época ela não trabalhava, só estudava (Pai 2).*

Enquanto a decisão de ficar com os filhos teve como motivo a continuação dos estudos, do Pai 1, o Pai 2 teve na ex-esposa o vetor motivacional, ela exigiu que o pai ficasse com os filhos.

Este pai relata que com a chegada dos meninos depois da decisão da mãe de mandá-los para a sua casa, teve que fazer desde mudança de apartamento para que comportasse a nova família até mudanças nos seus hábitos e na questão de privacidade com as namoradas, na organização de seu tempo de serviço com horários de escola e reunião dos filhos, enfim várias mudanças estruturais na sua vida.

*Quando eu me separei, o mais novo tinha 11 e o outro 12, chamava eles para ficar comigo nos finais-de-semana, eu tava estudando já e não tinha tempo, mas sempre ligava para saber como eles estavam. No início acho que não seria uma boa eles ficarem comigo, mas eles iriam ficar agredidos, ela impôs que eu ficasse com os meninos, eu morava num quarto-e-sala, daí eu comprei uma casa, eu não quis entrar em atrito.*

*Quando eu me separei ligava sempre, me preocupava. Eles ficaram meio agredidos, eles viveram a vida toda com ela, no começo eles não queriam, eu morava num quarto-e-sala, ela disse: “Vocês se virem aí...” (Pai 2)*

O mesmo pai supõe que a ex-mulher ficou com ciúmes de uma namorada que arranhou logo após a separação, o namoro tava sério, ela pensava que ele iria casar de novo e achou que estava em desvantagem, enquanto o mesmo retornava a vida de solteiro ela era responsável pelos meninos e não estava mais satisfeita com esta situação.

Nas adaptações iniciais (entre a separação, visitas e guarda), a ex também influenciou o Pai 3, este relata que encontrou muitas dificuldades, pois fazia tudo sozinho, mesmo morando sozinho ajudava financeiramente e cuidava do menino,

diz que sua vida mudou muito, que até perdera namoradas pela responsabilidade de cuidar do filho, não conseguindo conciliar o namoro. Comenta que, mesmo antes, quando o menino morava com a mãe, a ex-esposa muitas vezes pedia para que ele ficasse com o filho, mesmo quando era o dia da visita dele, mesmo quando estava sem dinheiro para fazer algum lazer e principalmente quando estava com namorada:

*... a "ex" fazia de tudo para atrapalhar, mandava o menino lá para casa, ela ficava com raiva quando eu estava com namorada, tentou voltar várias vezes, mas eu já estava morando com outra pessoa, isso durou só seis meses, acho que ela conseguiu atrapalhar mesmo... (Pai 3)*

O fator financeiro também influenciou a decisão de ficar com o filho:

*Quando nos separamos, o financeiro dela ficou mal, ela sentiu, pois o dinheiro dela não dava para o sustento. Antes, eu sempre dava um jeito e colocava as coisas em casa, mas depois que eu saí, ela sentiu a dificuldade, pois ela é cantora e nem sempre arranja trabalho... (Pai 3)*

Após a separação concordam que melhoram o padrão de conversa com as ex-esposas, exceção do Pai 1, porém todos ressaltaram que a mudança maior foi no repertório pai e filho.

A comunicação e o comportamento entre pais e filhos pós-separação são bastante discutidos (DANTAS, JABLONSKI e FÉRES-CARNEIRO, 2004). Os autores dizem que, saindo da relação conflituosa do casal, quando estes já não se relacionam de forma saudável, com brigas, conflitos, os pais se focam na relação com seus filhos, o que acaba acarretando numa dedicação mais calma e envolvente:

*O tempo em que o pai passa com a criança é realmente dedicado a ela, o que proporciona um aumento na intimidade e cumplicidade entre pais e filhos. Podemos supor que, devido à diminuição do contato existente entre o pai e os filhos, após separação, o pai busque uma vivência de maior qualidade, justamente para compensar a sua ausência diária (Pai 4).*

Apesar do tema dos autores acima citados ser voltado para os homens–pais, no caso em que a mulher é que mantém a guarda das crianças, ele traz pontos para reflexão sobre a relação pais e filhos e, paralelamente, os conflitos do casal. Porém, enquanto com os filhos a comunicação e o relacionamento se estreitam, com os antigos pares a situação diverge.

As mães são apresentadas pelos pais de formas bastante diversificadas na corrente pesquisa.

O Pai 1 conversa o necessário, sobre os meninos depois que os mesmos vieram morar com ele, a mulher tem outra família, não dialogam muito.

O Pai 2 reclama da participação maior da mãe após a separação, diz que tentava dividir as funções, mas ela dizia que iria fazer e acabava não fazendo. Dá como exemplo as vezes que ela marcou para ir à reunião de pais e não foi. Diz que queria alternar os compromissos, uns sendo dele outros dela, mas não estava funcionando. Acredita que a separação e a guarda dos filhos trouxeram para ele uma maior exigência e responsabilidade, e para a ex-esposa, certo distanciamento das funções tradicionais de mãe.

*Tentei também dividir nossas funções de pais, dizia: “Marilda, vai ter reunião com os pais, você tem que ir porque eu tenho compromisso”. Dizia que teríamos que dividir, um dia eu outro ela, mas ela nada, a reunião acontecia e ela nem avisar que não ia. Eu ficava p. da vida, mas acho também que ela esquecia, ela é avoada (Pai 2).*

O Pai 3 fala que a mãe não é uma pessoa má, apenas um pouco desequilibrada, mas mantém um relacionamento amigável, assim como com o filho. Ela mora ao lado da escola, faz visitas e está sempre por perto. Como não possui uma vida financeira adequada, o ex marido (Pai 3) a auxilia financeiramente, uso de telefone (a mesma não possui linha telefônica na sua casa) e outras ajudas, como pagar o lazer e algum dinheiro para o sustento, mas o mesmo confessa que não é muito.

A princípio, esta dificuldade econômica pode estar contribuindo para sustentar o vínculo que mantém com o ex-marido, favorecendo uma relação amigável também com o filho. Ele diz que ela reconhece o bom pai que ele revela ser.

Entretanto, para que os dois hoje se relacionem de forma mais ou menos amigável, muitos conflitos se sucederam. Este pai conta que, ao iniciar outro namoro, a ex-mulher armou um escândalo, querendo bater na nova namorada, indo ao seu apartamento para brigar com ela, não só a insultando verbalmente, com ameaças, como querendo agredi-la fisicamente.

Este episódio retrata, além dos conflitos do ex-casal, a lembrança da separação dos seus pais quando conta que sua mãe ficou arrasada emocionalmente repetindo a cena de agredir a atual madrasta.

Porém, hoje ele vê que os problemas eram do casal, que assim que houve a separação começaram a se relacionar melhor, ao contrário de seus pais, que nunca restabeleceram laços, o que favoreceu a ausência da mãe em sua infância, pois ele ficou morando com o pai e madrasta. A mãe não ia visitá-lo para não se deparar com a nova esposa do antigo marido.

Na relação com os cuidados de seus filhos agora, o pai 4 relata que sua esposa enquanto viva era bastante atuante na tarefa de educar. Contava também com o auxílio da sogra e de uma babá para cuidar do primeiro filho. Era dedicada, apesar de trabalhar e estudar, passando o dia inteiro fora. Ele, apesar de não estar fisicamente presente, sempre dava apoio e às vezes ajudava nas tarefas cotidianas. O quadro mudou quando do falecimento da mãe-esposa. Porém, segundo este pai, ela não estava preparada para ter o segundo filho, que não foi planejado. Disse que ela não queria e ficou muito preocupada, talvez porque, com a contaminação pela AIDS (vírus HIV), temeria as complicações tanto para o bebê quanto para a ela. Poderíamos concluir que o criar os filhos sozinhos foi uma necessidade deste pai, porém ele poderia ter redirecionado esta função para uma tia, avó ou outros parentes, contudo, resolveu assumir, inicialmente com ajuda de empregada e babá.

Os pais aqui entrevistados, apesar de todos os desafios, também dos relacionamentos diversificados com as ex-esposas, por unanimidade ressaltam

que a estrutura monoparental não afetou o bem-estar dos filhos, ao contrário. Como podemos ver nos relatos abaixo, encaram de forma prazerosa e realista a nova situação de pais sozinhos na função. Enfrentando, por exemplo, desde situações cotidianas que envolvem higiene pessoal, escola, até questões desenvolvimento como preocupações com a formação de personalidade:

*Depois do almoço fazemos a tarefa juntos, eu corrijo. Ele vai escovar os dentes... agora estou ensinando ele a passar fio dental nos dentes de cima e depois nos de baixo, ele aprende direitinho... Também ensino os modos na mesa, não falar de boca cheia, mastigar direito, não bater os talheres, não arrotar depois de comer... Já sabe se arrumar e tomar banho sozinho para ir à escola, mas eu sempre supervisiono... ele já sabe colocar perfume (Pai 3).*

A preocupação desde pai reflete também na formação, orientação sexual e afetividade:

*Esses dias eu li: "Criando meninos" e descobri que abraçar e beijar muito o filho homem não faz mal nenhum a eles, que eles não virariam homossexuais por causa disso, também porque eu queria abraçá-lo mais e ficava envergonhado, pois não tive um pai que fizesse isso, mas lendo a gente vai aprendendo.*

O Pai 2 se diz bastante envolvido e tenta repensar suas condições de filho para suas atitudes de pai:

*Apesar de eu ter perdido um pouco da privacidade, eu gostei muito de ficar com os meninos, fiquei mais próximo, nosso relacionamento mudou muito, nossas conversas ficaram melhores. Eu não era muito carinhoso, mas aprendi a ser, a abraçá-los... O mais velho está namorando, eu converso, tento dar algumas orientações, pergunto: "Como está o namoro? Tá se protegendo?" Já soube que a menina foi para o médico, a mãe levou para tomar anticoncepcional e consultar. Eu não tive nenhuma orientação ou conversa sobre sexo, acho que precisa (Pai 2).*

*Estou sempre lendo material aqui da Faculdade de Psicologia, fico bem atento aos conteúdos de desenvolvimento, eu leio toda hora, tudo o que aparece sobre vínculo, família, formação de personalidade, sou bastante dedicado (Pai 2).*

Como um modelo paterno a ser seguido, o Pai 1 repete as preocupações que seu pai teve com ele:

*Preocupo-me com o futuro deles, quero que façam faculdade pública de maior qualidade, por isso não deixo que fiquem muito tempo no computador, faço marcação em cima para que estudem e priorizem isso (Pai 1).*

Após o falecimento da mãe, o Pai 4 também se preocupa com a afetividade e o estado emocional dos filhos:

*Eu sempre tive muito cuidado para não deixar faltar carinho, para que não tenha problemas no futuro, nem, por exemplo, se sentir rejeitado, isso poderá fazer mal a ele. Cuidava também para que eu não o culpasse inconscientemente pela morte da mãe... mas os dois são ótimos comigo, nos adaptamos bem, é claro que minha rotina mudou completamente, tive que incorporar eles a qualquer atividade minha (Pai 4).*

A reflexão pode ser ampliada com a coincidência de que todos os pais da pesquisa educam meninos. Segundo Heinowitz (2005), educar meninos seria mais tranquilo aos pais do que educar meninas. Muitos pais esperam dos meninos o companheirismo de fazer “coisas de homem” juntos e também coisas que o pai não fez com eles; já com as meninas, ficaria mais difícil lidar, não tendo referências pessoais.

Tudo o que os pais sabem é do ponto de vista de um garoto, ficam mais confortáveis para educar meninos. Não sabem o que é ser menina e sobre criar meninas. Com o filho homem estabelecem uma identificação de masculinidade, se colocam no lugar do filho (HEINOWITZ, 2005, p. 134).

Vale dizer que a idade dos filhos também faz a diferença. Na pesquisa presente, os pais ficaram com seus filhos já crescidos e um deles com recém nascido, mas é compreendido que, de acordo com o desenvolvimento da criança, os pais vão sendo exigidos de forma diferente; cuidar de um bebê é uma tarefa bem diferente do que de uma criança de 5 anos ou pré-adolescente. Entretanto, os pais se adaptam com naturalidade a essas mudanças, alterando o estilo de cuidados.(CARTER e McGOLDRICK, 2001).

#### 4. Papéis: pai e mãe, entre a tradição e mudanças

O discorrer sobre a família na atualidade atrai imediatamente a discussão sobre as mudanças nas relações entre homens e mulheres. Os teóricos nem sempre possuem ou concordam quanto a pontos de vistas, mesmo porque a complexidade do tema em aberto não suporta posições unilaterais.

Goulart (2005) observa que poucas instituições sociais colocam problemas tão diversos e de tão grande complexidade quanto a família. Acrescenta que, no cenário atual, não sabemos como pensar as posições paternas e maternas de forma conclusiva.

Indicadores demográficos revelam a crescente diversidade dos arranjos familiares. Entretanto, dados isolados não explicam como estão se constituindo os lugares sociais de pai, mãe e filhos. O processo de transformações socioculturais e afetivas vem acontecendo de forma acelerada, refletindo-se nas atuações de homens e mulheres em diferentes contextos.

Bruschini (2000) alerta para o exercício de dissolver a aparência de naturalidade da família, percebendo-a como criação humana mutável, assim como Scott (2001) discute a dificuldade da existência de uma família, chamada por ele de “arrumadinha”, composta de pai, mãe e filhos. As configurações internas e relacionamentos implicam em uma grande diversidade.

A dissolução dessa “naturalidade familiar” implicará de certa forma dissolver e dissecar conceitos de cuidados aos filhos, onde tradicionalmente (com resquícios na atualidade) coube à mulher a tarefa de educar e criar.

Quanto à origem dessa premissa da mulher-esposa-mãe, Cavalcanti (2008) sustenta que a educação das mulheres da elite (chamada de educação de “sala”) no Brasil colonial era voltada para além da literatura, aos bons modos: era preciso ser uma exemplar esposa e mãe, constituindo-se numa excelente opção de casamento para os também abastados pretendentes.

As mulheres da camada popular se revezam entre amas-de-leite, escravas e empregadas do ambiente doméstico, construindo a crença de que o feminino está

intrinsecamente relacionado aos cuidados com os filhos, uma aceitação verificada por Fanti e Ristum (2008) em pesquisa recente sobre cuidados de crianças por babás.

Porém, apresenta-se na contemporaneidade a necessidade de repensar atuações de gêneros no espaço público e privado, onde a situação ainda se mostra irregular. A mulher com trabalho remunerado fora de casa e outras atuações na esfera pública não encontra harmonia na divisão de tarefas, e a intenção de direitos e deveres igualitários para os envolvidos ainda está distante. A esse respeito Petrini (2004) observa:

A mulher, efetivamente, entrou no mundo do trabalho e no âmbito social, aproximando-se de modelos anteriormente masculinos mais de quanto o homem tenha se envolvido com as tarefas domésticas, podendo-se notar uma menor aproximação dele aos papéis tradicionalmente femininos (PETRINI, 2004, p. 21).

Atualmente, observa-se insatisfação de homens, mulheres e crianças quanto à forma tradicional de distribuição das tarefas relativas à família na busca de uma qualidade melhor de vida para todos. Os membros desta família não silenciam frente a novas exigências dessas definições (GIFFIN, 1998).

A existência de conflitos vem justamente na quebra de conceitos preestabelecidos anteriormente (tradicionalmente), em que a participação da mulher no mundo do trabalho e o desemprego do homem atual contrastam muitas vezes com a questão da moral do homem, principalmente do menos favorecido economicamente (SARTI, 2005). A mulher estando em casa, se depara com atividades domésticas desvalorizadas em comparação ao espaço público do mercado de trabalho onde se retira o sustento da família.

O comportamento do homem-pai é questionado dentro da estrutura familiar, mesmo que traga o sustento ou parte dele para a família (SCOTT, 2001). Algumas mulheres separadas depõem que não aceitam homens devido a conflitos que possam surgir com as filhas e filhos de uniões anteriores, preferindo permanecer sozinhas a iniciarem uma nova relação, o que não ocorre com os homens, que

logo procurarão uma companheira. Féres-Carneiro (1998) corrobora dizendo que os homens depois da separação caminham mais rapidamente para o recasamento do que as mulheres.

Assim, a mulher que já teve seu parceiro e se separara hoje não quer o homem para coabitação, no que Scott (2001) chama de “negação da conjugalidade”. Esse negar um novo parceiro está atrelado à idéia de bem-estar dos filhos e certa independência financeira da mulher frente ao desemprego do homem.

A conseqüência do desemprego crescente no homem moderno pode ser ainda mais complexa e negativa. Dando enfoque a essa situação, Saffioti (2004) complementa que ser provedor de um lar constitui grande peso na definição de virilidade masculina. Homens que experimentam o desemprego por longo período são tomados pelo sentimento de impotência frente a situação doméstica de sustento familiar e também a sexual, um aspecto agravante para o homem, sendo que alguns deles confessam preferir a morte a ficarem sexualmente inativos.

Dois pais aqui pesquisados (3 e 4) apresentam suas dificuldades. O Pai 3 ficou sem emprego fixo e se via prejudicado, pois trabalhava em casa, fazendo todas as atividades domésticas (lavar, passar, cozinhar para ele e o filho), e ainda tinha que prover o sustento financeiro do lar. Relata que, ao sair para procurar emprego, já estava exausto. A cobrança da ex-esposa pela segurança financeira do mesmo, via emprego fixo, era constante e fonte de conflito do casal.

*Eu não tinha estabilidade financeira, tava botando uma loja de artigos esportivos, ela dizia que não ia dar certo, ela era sempre pessimista, nosso filho tava pequeno e ela se preocupava que eu não iria conseguir sustentar os dois. Às vezes dava um pulinho na praia de manhã e ela já ia ligando: “Tá na praia?” E começava a me xingar para que eu voltasse e fosse correr atrás, dizia para eu não ficar na vagabundagem (Pai 3).*

O Pai 4 saiu do emprego onde o pai era seu chefe, porém sobreviveu momentaneamente com a pensão do INSS. A pensão não supria os custos da casa, das necessidades dos filhos. A falta de recursos financeiros refletiu no

estado emocional do pai, pois não pôde mais pagar o colégio particular dos filhos, o que, segundo o próprio pai, o abalou muito.

*Minha renda hoje não é compatível com os meus gastos, tipo no que eu gostaria de oferecer aos meninos. Ninguém me ajuda, fiz e faço vários trabalhos por conta própria, hoje tenho um trabalho com mais dois amigos na área de propaganda impressa, fazemos folders e outros materiais, mas nem sempre dá, não é algo certo. Eu senti essa crise financeira quando tive que tirar os meninos da escola particular, há dois anos. Eles tiveram que sair da escola particular para a pública, não tive como evitar, eu fui levando até que realmente não podia mais. Atrasei a prestação do apartamento, o condomínio, tirava daqui, dali, até não poder realmente pagar. O dia que fui matricular os meninos na escola estadual, foi um dos dias que mais chorei, mobilizei o primeiro andar todinho do prédio escolar, onde funcionava a administração da escola, me trouxeram água para me acalmar, não aceitava aquilo, foi uma correria só, as pessoas que trabalhavam lá ficaram preocupadas com o meu estado emocional, acho que meu orgulho foi embora, fiquei me sentindo impotente diante daquela situação... (Pai 4)*

O fracasso na provisão do sustento financeiro é causador de grande dor emocional nos pais, como se constatou acima. Silveira (1998) coloca que esta tem relação com a identidade psicológica dos homens que durante anos teve incutido na sua psique que ele seria o ganhador do pão, o provedor do lar.

Outro fenômeno implícito na “qualidade de ser homem” na atualidade, além da preocupação persistente com o desemprego, é a sexual, que, de certa forma se relaciona com a primeira como visto anteriormente por alguns estudiosos. A preocupação com a virilidade sexual também se apresenta como fenômeno moderno. Montgomery (1998) discute que a gama de trabalhos e pesquisas sobre sexualidade masculina, assim como tratamentos para impotência e outros problemas sexuais masculinos, encontra vazão na posição da mulher em não mais aceitar passivamente esse homem, substituindo-o por um “melhor”, que funcione sexualmente, levantando então questionamentos sobre o desempenho sexual dele.

Relacionada a este fator, existe a questão da esterilidade. A infertilidade masculina, quando não solucionada por tratamentos, é geradora de grande conflito existencial para os homens e grande ferida no ego masculino, podendo tornar um homem vulnerável diante dos outros homens que experimentam a paternidade, fragilizando-os, tendo no processo de adoção a amenização ou a resolução de tal conflito.

Passar pela experiência de ser pai é questionar seu próprio pai, lembrando sua vida como filho, avaliando suas carências e alegrias, o que repetirá e o que deverá ser desprezado, na intenção de reeditar e melhorar (dentro do seu entendimento) o relacionamento do pai-filho-neto. Alguns pais resolutos de suas práticas diferenciadas sentem vergonha e culpa quando se vêem agindo como seus pais décadas atrás. O modelo vivido se apresenta como um fio condutor, ora negado ora aceito. Muitas vezes repetir o modelo do pai não é intencional: o pai negado vem à tona, sendo um referencial dos dois pólos (MONTGOMERY, 1998).

*Eu fui aprendendo como educar, e ainda estou a gente vai, né? Aprendi pelos bons exemplos na minha vida, como minhas tias e também por querer ser um pai diferente do que o meu próprio pai foi (Pai 3).*

O Pai 2 acredita que desempenha melhor a função paterna do que seu pai desempenhou:

*Olha, se meu pai tivesse a mínima visão do que eu tenho hoje em dia, se ele tivesse saído mais comigo, estivesse mais presente, batesse um papo, batesse um papo, é isso, uma coisa tão simples... Hoje as pessoas têm mais informação sobre educar, como tratar as crianças, tem livro, tv, agora não sei se os pais, as pessoas estão mudando, eu mudei muito em relação ao meu pai. Porém as pessoas têm informação, mas não sei se elas usam essa informação (Pai 2).*

Porém, a inquietação e reflexão sobre referenciais de paternidade já são um indício de transformação, pois o tradicional era um molde inquestionável e

rigorosamente praticado. Pesquisadores como Nolasco (2001) e Roudinesco (2003) analisam que, apesar de ainda vivermos numa sociedade com predominância do homem em status social, há um processo de mudança denominado “mutilação do patriarca”. Refletindo que mudanças pessoais e sociais do homem estão sendo sinalizadas pela mutilação, afinal numa sociedade que preza princípios de igualdade, ou aproximações de democracia, rejeita relações de dominação e poder nas quais o patriarcado se fundamenta.

A busca, a reedição e o mistério da inconclusão da função paterna podem ser acompanhados nas palavras de Vinícius de Moraes em diálogo com seu filho e consigo:

Pedro, meu filho...

E sendo que reconheço nos teus pés, os pés do menino que eu fui um dia.

Em frente ao mar; e na aspereza de tuas plantas as grandes pedras que grimpei.

E os altos troncos que subi; e em tuas palmas as queimaduras do infinito que procurei como um louco tocar.

Porque tua barba vem da minha barba e o teu sexo do meu sexo e “há em ti a semente da morte criada por minha vida”

E minha vida, mais que ser um templo, é uma caverna interminável, em cujo recesso esconde-se um tesouro que me foi legado por meu pai, mas cujo esconderijo eu nunca encontrei e cuja descoberta ora te peço.

Um adendo à própria condição emocional do pai-homem que se vê questionando e questionado na atualidade, muitas vezes banalizado (NOLASCO, 2001), ora mutilado, pois tiraram sua autoridade, mando e provisão (ROUDINESCO, 2003) e até invisível, do qual ninguém sente sua falta, não conta mais, não é importante, nas palavras de Ramil (2006) se referindo aos filhos adolescentes:

Na adolescência você fala e eles não escutam. Passam por você e nem olham. Se olham, não vêem. Você desapareceu, ficou invisível. Virou pai invisível. Ninguém sente sua falta. Ou pior, só lembram de você quando precisam de dinheiro ou de carona (p. 5).

Paradoxos se apresentam na representação social do pai: assim sofre descrédito com a desvalorização da masculinidade enquanto aspecto de poder e desigualdade, porém é requisitado para participar de situações mais igualitárias nas tarefas filiais (GIFFIN, 1998). O pai ora se coloca disponível, ora se ausenta da discussão, levantando questionamentos sobre a complexidade da paternidade na atualidade, o que não impede certo otimismo apontado por Campos (1999) no que diz respeito a paternidade participativa. Relata que o homem ainda nega ser marido ou que seus esforços para o relacionamento erotizado não se comparam aos esforços despendidos para ser um pai melhor, no amor fraternal.

O Pai 3 revela seus esforços e preocupações:

*Após a separação que não foi nada fácil, pois teve muita briga, ela era possessiva, gostava de mandar... ela se estressa muito fácil, essas coisas me irritavam, eu batalhei muito para ficar com ele e cuidar, não deixar faltar nada em casa para ele, e não deixo, faço tudo por ele porque gosto mesmo. Na minha família dizem que sou um pai esforçado, meus amigos também, acham que eu enfrento bem as dificuldades e se surpreendem como eu agüento. Dizem que se fosse ela, na mesma situação, já teria dado para os avós criarem. Aliás, tem um tio lá no interior que gosta muito dele, Ele me disse que convidaram para morar na fazenda e que ele disse: "Gosto muito daqui, mas quero morar lá com meu pai", ele me contou isso, fiquei orgulhoso. Os tios são legais, ele ficou lá na ilha com eles, mas ficou muito largado, muito sol e picolé, aí ele ficou com dor de garganta, febre e eu não gostei, reclamei com eles, o menino vai passar as férias e fica doente!*

O mesmo pai relata que apesar de ter uma amizade com a ex-mulher, jamais voltaria a ter uma relação de marido e mulher, pois ela é alcoólatra e possui um comportamento descontrolado:

*Já como pai eu dou conta de ser pai e mãe, os meus amigos daqui ficam me zoando, me ligam no Dia das Mães e me*

*parabenizam, falam que é brincadeira, mas me elogiam e acham legal o meu esforço de ficar com ele e educar.*

Corroborando tal afirmação, Unbehaum (2001) observa que as mulheres ao ocuparem diversos espaços públicos e exercer sua sexualidade com maior liberdade, de certa maneira “bagunçaram” (palavra da autora), isto é, remexeram nas relações familiares e de gênero. Porém, o fato de terem alcançado direitos trabalhistas como a licença-maternidade, a regulamentação do trabalho doméstico e outros, não diminuiu significativamente a desigualdade entre homens e mulheres no que diz respeito a oportunidades de acesso a cargos de chefia, igualdades salariais e outros aspectos no mercado de trabalho. Em contrapartida, a transição da mulher para esferas públicas do mercado de trabalho de certa maneira favoreceu a participação masculina na esfera doméstica e no cuidado com os filhos, alterando as configurações domésticas com formas diferenciadas de relações entre homem e mulher, entre pais e filhos.

As mudanças na família também decorrem do processo de individualização que seus membros sofreram, em que o reconhecimento da felicidade e necessidades peculiares para cada componente da família começa a ser reconhecida (SINGLY, 2000).

A mãe-mulher, que antes poderia se sentir feliz apenas por meio do sucesso do filho e do marido, a sombra deles, sendo o fracasso também atribuído a ela, agora pode traçar seus objetivos sem esta perspectiva e, sim, pessoal. O amor, conjugal ou maternal, não justifica mais o retraimento da cena social e pública da mulher.

Há um panorama de transição dos papéis de pai e mãe, que já não encontram em modelos fixos um *script* para atuarem. Na pesquisa de campo, foi observado que na história dos entrevistados não havia um modelo unilateral, apesar da predominância das mulheres. Eles moraram com avós, tios, que se desdobravam em todos os tipos de cuidados e a maioria teve mães ligadas diretamente ao lar e pais como provedores. Avós e avôs foram unânimes em memórias afetivas positivas.

Suas relações afetivas são diversificadas com as ex-esposas, provenientes de brigas na separação. Nenhum demonstra desejo de retorno à situação de conjugalidade, relatam que a distância foi melhor para ambos. Já em relação aos filhos, ressaltam que se sentem confortáveis e felizes sendo os únicos responsáveis diretos.

Ao recordar o velho pai, nas experiências de cuidado e afetividade, muitos dos entrevistados analisaram pontos de rejeição dos valores pertencentes ao patriarcado, apesar de serem provedores, e vislumbram diferenças, por exemplo, na facilidade em demonstrar carinho e afeto numa aproximação emocional com seus filhos.

#### 4.1 Inquietações de educar sozinho...

No pensamento consensual encontramos, por exemplo, a idéia de que um homem criando-educando sozinho seus filhos pode ser sinônimo de despreparo, desorganização e até incapacidade de fazê-lo. O depoimento de dois pais entrevistados exemplifica tal idéia.

O Pai 2 conta que certa vez, quando seus filhos contaram aos amigos que moravam apenas com o pai, ouviram comentários como: *“Lá deve ser uma bagunça e sujo”* (referindo-se à residência).

O mesmo pai reflete que a sociedade possui uma representação de que a família monoparental masculina não se encontra apta nessa função doméstica. Quando afirma que sua casa é muito organizada e agradável, o que seus amigos comprovam quando os visitam, oferece referencial para novos conceitos familiares.

*As pessoas não acreditam que eu educo os meninos sozinho. Rapaz... eles não acreditam... a maioria das pessoas se surpreende, acho que é uma surpresa para todos. Quando alguém vem conversar comigo e pergunta: “E aí, você é casado? Tem filhos?” Digo: “Sim, tenho dois meninos.” Daí eles logo perguntam: “Eles estão bem, a mãe cuida bem deles?” Nem perguntam com quem eles moram, já está na cabeça que é com a mãe. Ficam surpresos e já*

*vão falando: “Quem é essa mãe que largou os filhos?” Aí, não sei se riu ou choro [risos] (Pai 2)*

Retornando à fala de Scott (2001), a sociedade padronizou a família nuclear e ainda a tem como a “família arrumadinha”, com pai, mãe e filho, na qual todos se entendem e que a mãe e mulheres se incumbem de deixar o lar organizado, agradável, sendo parte de um pensamento consensual ainda difícil de ser destituído pelos demais membros da sociedade.

Na situação de pai sozinho nos cuidados, isto é, pais que subvertem a ordem social, foram questionados sobre quem possui maior *know-how* para cuidar dos filhos, se o homem ou a mulher. Os entrevistados acreditam que o casal deveria decidir e atuar juntos, acreditam que aos dois caberia esta tarefa, e colocaram que na atualidade, a educação foi terceirizada e muitas vezes não é realizada por nenhum nem outro que cuidam, e sim por babás, creches, professoras e a empregada.

*Acredito que hoje com a mulher trabalhando fora e o homem também, os dois tentam cuidar juntos, acho que já dividem as tarefas; porém quem educa e cuida hoje das crianças, dos filhos são as empregadas (Pai 1).*

Apesar desta opinião, o pai acima citado não possui empregada ou qualquer auxílio doméstico, sendo as tarefas divididas entre todos.

Quando a família monoparental se configura apenas com o pai, surge a complexa questão: Os homens seriam aptos em oferecer sozinhos todo o arsenal de cuidados materiais e emocionais para seus filhos? Como medir ou saber se esta configuração correspondeu à formação de filhos saudáveis e ainda com que repertório diferencial cresceriam essas crianças para se tornarem homens que não colaborassem para o processo de desigualdade de gêneros, ao menos no ambiente doméstico?

Há muito que se investigar e analisar, pois sabemos que a sociedade ainda tem na família nuclear seus maiores índices. Essa configuração ainda se sobrepõe aos

outros modelos de família, o que dificulta, no caso das famílias monoparentais masculinas, a busca por respostas. Dados do IBGE (PNAD 2005) para o Brasil apontam para os índices superiores da família nuclear em comparação com os demais arranjos, dados também favorecidos na Europa, em países como Portugal (ABOIM, 2004), onde 47% das famílias são assim compostas, estruturada com pai, mãe e filhos.

A denominação para tais famílias (nucleares) eram as funcionais e disfuncionais, a segunda aqui citada seria as com formato diferente. Comentários conservadores, segundo Goulart (2005), alimentavam a crença de que um lar estruturado, funcional, era a família com pais casados (ou no máximo, viúvos) e lares desestruturados eram as demais organizações familiares (com pais separados, solteiros ou recasados). Hoje é observa-se que é possível ter uma família estruturada com dois lares monoparentais e ter uma família desestruturada com pais casados que se agriem e se desrespeitam. Outras variáveis influenciam na dinâmica familiar, e não é a estrutura que irá gerar ou determinar a existência de problemas inter e intrapessoais na família.

O Pai (2) observa:

*Tenho um colega de trabalho, ele é casado, tudo direitinho, mas não possui um bom relacionamento nem com a mulher nem com o filho. Às vezes quando quero conversar das minhas dificuldades de pai, falo com ele, mas penso: ele tem mais problemas do que eu que educo sozinho, então é só para desabafar, pois acho os filhos dele problemáticos.*

Educar sozinho seria mais uma vertente para o entendimento das diversas facetas da família, porém a compreensão da multiplicidade da família não é tão democrática e pacífica assim. A insistência em um modelo único de família universal em detrimento a outras formas e arranjos é citação constante no discurso da mídia ou de instituições sociais:

...a idéia de família tem um lado curiosamente sincrônico e pode suscitar uma imagem de indiferenciação, o que promove em alguns autores, uma cegueira temporária à

referência de classe e de segmentos sociais diferentes. Há livros e constituições federais que insistem que a família é a base de tudo, e esta idéia remete a uma noção de homogeneização que parece estar mais sagrada do que muitas das crenças que as religiões professam (SCOTT, 2001, p. 95)

A representação social de um modelo único e ideológico da família que ainda é insistentemente venerado nos leva a questionamentos como os realizados por Silveira (1998):

O que fazer com a criança filha de um casal homoerótico? Ou frente à mulher que decide ter um filho por meio de produção independente, da adoção por solteiros, quando a maioria dos coleguinhas da aula tem os pais separados? Se ainda continuamos com a idéia de que família é constituída por um casal heteroerótico, que comemora o dia das mães e o dia dos pais? (SILVEIRA, 1998, p. 30)

O autor nos alerta também, dizendo que essas crianças estão crescendo numa sociedade que, por medo, desconhecimento ou preconceito, dita que tudo que possa ser diferente está errado e deve ser eliminado.

Há uma complexidade a se mergulhar, um desafio constante dos estudiosos em família no processo de transformação do pensamento para que ocorram mudanças de conceitos, entre eles a “família ideal”. Segundo Oliveira e Werba (2002), o universo de pensamento retificado onde circulam as ciências, as teorizações, conhecimentos diferenciados, devem ser transferidos para o universo de pensamento consensual, onde se circulam as teorias do senso comum, encontradas na prática diária, na interatividade do dia-a-dia. Este acesso facilitaria o fluxo de informações, trocas que podem favorecer as representações sobre fenômenos sociais, no mínimo em ampla plasticidade de pensamentos.

Porém, há contradições, por exemplo, na residência do Pai 1 as situações de desorganização doméstica acabam muitas vezes reforçando esse estereótipo de que os homens são incapazes de atuar no ambiente doméstico e suas tarefas. Na entrevista suplementar, realizada com a irmã desse pai, a mesma diz que a

princípio seu irmão sofria com comentários que sua casa e os problemas domésticos seriam solucionados com a presença de uma mulher.

O estereótipo dos papéis de gênero ainda relaciona a mulher ao lar e o homem ao espaço público, rejeitando qualquer outra possibilidade de atuação, pois, para Davidoff (2004), estereótipo é um conceito simples e rígido a respeito de um grupo ou indivíduo, atribuindo a esses conceitos positivos ou depreciativos sem ampla reflexão. A irmã afirma:

... a segunda mulher de meu irmão praticamente organizou a vida dele, tanto profissional quanto pessoal, a casa vivia mais organizada ele tinha prazer em ficar, voltar para a casa...

A casa visitada (do Pai 1) para entrevista estava em grande desordem, e a divisão de tarefas, apesar de estabelecida pelo pai: lavar louça, roupa, arrumar e limpar a casa, não estava sendo cumprida. O filho encarregado para tal função estava dormindo e assim permaneceu sob reclames do pai, mas, por outro lado, se o espaço doméstico não estava arrumado e limpo naquele momento (base para julgamentos estereotipados), como, por exemplo, na mesa do escritório se encontravam roupas sujas e limpas, restos de comida, pratos e copos sujos, esta família monoparental sobrevive sem empregada ou qualquer outro auxílio para as tarefas domésticas já citadas.

Nas palavras do Pai 1:

*Já que estamos morando todos juntos temos que dividir as tarefas da casa, a cada final de semana um é responsável pela faxina da casa, durante a semana todos ajudam. Na alimentação eu que cuido, cozinho e alguma coisa congelo para o mais novo esquentar quando chegar da aula. O mais velho se vira, sabe cozinhar, faz miojo, feijão, arroz e frita o bife. As roupas na maioria colocam na máquina.*

Logo, possuem uma dinâmica de funcionamento sem a presença de mão-de-obra doméstica, onde todos deveriam ajudar, e assim o fazem da maneira própria, pois houve apenas essa minha visita. Ressaltando que, segundo Burdon (1998), no

seu artigo: “*Envolvendo os Homens na vida familiar: se eles podem fazê-lo, porque não o fazem?*”, há essa capacidade, porém exercê-la já se encontra no campo dos acordos estabelecidos no lar, ou quando há uma mãe, dependerá da própria situação da mulher no ambiente público, se está, por exemplo, empregada. Esse artigo também remete à reflexão de que os homens algumas vezes são impedidos de realizar as atividades do lar. Isso ocorre porque algumas mulheres ainda percebem o território doméstico como área de seu poderio, incompatível com a ajuda dos homens, principalmente as que não possuem trabalho remunerado fora de casa. Essas ficariam destituídas da única função que desempenham: o cuidado do lar. A entrada do homem desestabilizaria esse universo.

O cuidar do filho seria muitas vezes uma atividade demarcada por elas, como domínio próprio. Nas famílias em que a mulher não possui trabalho na esfera pública os homens se dispõem menos a colaborar, segundo artigo acima citado.

O envolvimento do homem nas tarefas domésticas possui uma interdependência com vários fatores: trabalho remunerado de ambos (marido e esposa), disposição, abertura para tal, diálogo e atuação da mulher em chamá-lo para colaboração (concepções de igualdade).

Para o Pai 2, essa premissa está acontecendo numa ordem inversa, isto é, o chamamento para os cuidados com os filhos, dele para a mãe, que após a ida dos meninos para a casa do pai demonstra, na formação da família monoparental masculina, segundo ele, certa despreocupação:

*Eu cobrava dela, para ela conversar com eles, nós não somos mais marido e mulher, mas a gente tem que trocar idéias sobre eles e ela parece que não tá nem aí. Às vezes eu tava com problema, o menino ficava fora o dia todo, eu queria trocar, conversar, ela fica sem ligar, às vezes fica um mês, ela isolou o pai junto com o marido...*

*Por exemplo: amanhã é aniversário do mais velho, eu já liguei para ela pedindo sugestão do que poderíamos fazer, ou ao menos que ela ligasse para conversar com o menino, dar os parabéns... também quase não vai lá em casa vê-los, eu já falei que ela pode ir quando quiser, mas ela não vai.*

Aqui sugiro imaginar todo esse discurso, mas nas vozes do sexo oposto, geralmente são as mulheres que mais reivindicam os pais no lar. Observamos mais um aspecto da subversão da ordem.

As mudanças na participação dos homens podem ser vistas com destaque nas camadas médias, em que o questionamento das funções dos pais pode até ser experimentado com um pouco mais de tranquilidade, o que favorece a cooperação, quando se observam, por exemplo, casais com dupla carreira, geralmente ambos com nível universitário e dupla renda (GOMES e RESENDE, 2004).

Cuidar sozinho dos filhos, além de exigir uma reestruturação na prática entre trabalho remunerado e casa, encontra na sociedade manifestações não tão solidárias.

As famílias monoparentais com pais solteiros, separados, viúvos ou sem nenhuma união estável enfrentavam muitas vezes a desaprovação social (GIDDENS, 2005). Expressões antigas e sentenciosas como “esposas abandonadas”, “família sem pai”, “mãe solteira”, “lares desfeitos” tendem a desaparecer na atualidade, com uma discussão e posição mais flexível frente à condição monoparental. Ou como reflete o Pai 2:

*A maioria das pessoas é mais preconceituosa com os pais, não com as mães hoje em dia, porque a mãe criar o filho sozinha é mais comum. Acha que os filhos quando ficam com a gente é porque foram abandonados pela mãe, não entendem que a gente também pode querer ou tem capacidade, elas dizem (imita com ares de deboche): “Eu não entendo como as mães deixam os filhos com os pais”. Eu é que não entendo por que elas pensam assim. [risos]  
Mas sempre, sempre as pessoas me vêm com esse papo...*

Reflito as palavras deste pai e os achados que temos desta questão, tanto de pesquisa, de registro, como da sociedade. Embora a motivação das ciências humanas seja estudar o ser humano, o envolvimento masculino em questões como paternidade, reprodução, planejamento familiar e outros relacionados ao “novo” homem, justificando a participação dos pais como potencializadores de

saúde física e mental dos filhos, e tantas outras esferas do contexto familiar (UNBEHAUM, 2001), há um interesse diminuto em destacá-los como únicos cuidadores, em quantidades significativas de pesquisa, como por exemplo, as existentes com as mães-mulheres chefes de família. Haverá uma permissão implícita da sociedade em aceitar a mãe ou mulher como a exclusiva cuidadora dos filhos? Essa premissa poderia justificar a pouca literatura e dados referentes ao pai solitário ao menos no contexto nacional?

Se, por um lado a família monoparental masculina não encontra resposta e espaço maior em pesquisas, por outro o pai na família nuclear também não está tranqüilo, o homem encontra conflitos entre o papel tradicional e a realidade atual: enquanto muitos se propõem a rever papéis tanto de gênero quanto da própria função da paternidade, alguns ainda persistem no papel tradicional de provedor mesmo estando desempregados.

Alguns sucumbem a participar de atividades ilícitas ou se envolver em esquemas duvidosos para ganhar rendas rápidas. Segundo Scott (2001), os maridos desempregados também possuem maior probabilidade de entrar em depressão, de ter surtos de comportamento violento, além de ficar em casa atendendo às demandas domésticas, função que não lhes agrada.

Segundo Prado, Piovanotti e Vieira (2004), o conceito de paternidade é determinado exclusivamente por influências culturais e biológicas, na relação entre as duas dimensões, porém há correntes que afirmam que a partir da saída do ventre da mãe, o biológico se encerra e tudo mais será construído socialmente. Partindo dessa premissa, o protagonista social, isto é, o cuidador não dependerá unicamente do feminino ou do masculino, não elegendo um gênero em detrimento do outro.

Nesta pesquisa, apesar de uma amostra pequena, a variabilidade das situações em exercer funções de pais é ampla. As mães anteriormente, na vida conjugal, compartilhavam de certa forma os cuidados: a Mãe 1 dividia com empregadas essa função, a Mãe 2 sozinha fazendo os trabalhos domésticos enquanto estudava, a Mãe 3 se reveza com o marido, pois é cantora e trabalha à noite e a Mãe 4 contava com a mãe(avó) no primeiro filho. Os pais, com exceção do Pai 1 e

do Pai 4, se colocaram participativos, transitando entre o sustento financeiros e as fraldas. Porém, se na vida a dois os pais participavam, pouco ou muito tradicionais, hoje são protagonistas de mudanças.

#### 4.2. O consumo de álcool na vida dos pais

Alsop e MacGaffrey (1993) colocam o outro lado da relação pai e filho, a dificuldade dos pais que sofrem de alguma doença mental ou algum transtorno (depressão, esquizofrenia, alcoolismo e outras) conviverem e educarem essas crianças, sendo que muitas vezes a ordem é invertida: as crianças mesmo sem repertório para tal função, acabam sendo pressionadas para serem as “cuidadoras” dos pais, uma situação de grande complexidade emocional. Nas entrevistas, experiências emocionais negativas com álcool foram bastante citadas, cenas que se repetiram, como citadas anteriormente, ora como filho, ora como pai, tendo como conseqüência uma série de dificuldades intra e extrafamiliar.

Situação semelhante foi vivida pelo Pai 2, enquanto filho. Ele relatou que durante muito tempo presenciava que seu pai bebia muito, sendo a causa de sua morte. Contou que diversas vezes passou constrangimento pela situação de alcoolismo do pai, salientando que, apesar de tudo, ambos possuíam uma afetividade muito positiva.

Relatou que certa vez, na escola, quando estava no início da adolescência, seu pai apareceu completamente bêbado, o que lhe causou mal-estar frente aos seus colegas e professores, sendo que, além da vergonha passada, ainda teve que arrastar seu pai para casa.

*Também foi na adolescência que convivi mais de perto com a bebida do meu pai, comecei a entender que a coisa era séria, ele já tava na fase crônica... Eu pensava antes que ele não vinha me visitar porque ele não gostava de mim, não queria saber de mim, mas é que a doença já estava crônica...  
O problema não era comigo, era um problema mental, psicológico, sei lá...*

*Ele não conseguia viver bem com ninguém, não era só comigo, era com todo mundo.*

*Vou contar uma situação que aconteceu. Uma vez eu tava na escola, na sétima série, tinha entre 13, 14 anos, quando eu vejo o diretor me chamando: “M. seu pai, está ai fora”.*

*Eu levei aquele susto, quando cheguei no portão vi meu pai sujo, bêbado, se segurando, os alunos caçoando dele... Foi um constrangimento...Eu tinha vergonha, isso aconteceu outras vezes, quando dizia meu pai esta ai (lá na escola) eu já ficava assustado, tanto que eu é que ia visitar ele, de alguma forma eu sentia que se eu não fosse, ele não viria ou viria me encontrar daquele jeito..., eu comecei a cuidar dele, acho que as coisas se inverteram, ao invés do pai cuidar do filho...*

*Mas às vezes ele passava três meses sem beber, trabalhava, ficava bem, depois sumia.*

*A gente estranhava, pensava: ficou bom, Deus ajude! Mas ao mesmo tempo não acreditando muito. Já sabia daqui a pouco isso vai desmoronar, ele procurou alguma ajuda, freqüentou centro espírita, foi até nas reuniões do AA, mas a questão era outra tinha que fazer uma terapia, na época não se tinha esse entendimento. A família dava conselho, conversava, cobrava, mas família, não adianta, a família não tinha estrutura.*

Todo esse histórico de alcoolismo do pai não impediu que, diante do casamento conturbado, antes da separação, ele também quase tenha se tornado um alcoólatra, não ficando muito tempo em casa com os filhos. Ele confessa que era um pai muito ausente e que não só nos finais de semana, mas toda noite estava sempre bebendo. A esposa, quando os filhos perguntavam pelo pai, mandava chamá-lo no bar. Segundo ele, era lá que o encontravam sempre.

Quando eu já não via graça no casamento, estava para me separar, bebia ainda mais. Para os meninos acho que também não foi fácil, eu saía com eles pouco, quando dava, mais no final de semana, brincava muito, mas eu trabalhava e daí eu comecei a beber... Uma cervejinha, mas todo dia, ficou rotineiro e preocupante. Se os meninos quisessem me encontrar, tinham que ir ao bar, a mãe dizia: “Vai lá chamar seu pai”.

Segundo Kaplan e Sadock (1993), dentro dos pressupostos psicanalíticos, o álcool

é extremamente efetivo no alívio da ansiedade, e muitas pessoas utilizam-no com esta finalidade, os pesquisadores afirmam que as pessoas autopunitivas voltam-se para o álcool como uma forma de diminuir seu estresse inconsciente.

Na seqüência da história de vida do Pai 2 podemos observar a tendência comportamental: pai alcoólatra e ausente, filho alcoólatra e ausente também como pai, porém a corrente foi interrompida com a ajuda da terapia que este realiza e também da própria atitude da ex-esposa de pedir (mandar) os filhos para a casa do pai. O processo de separação e o novo namoro somaram na decisão.

*Até 32 anos eu bebia bastante. Depois da separação eu parei, todo mundo viu essa minha transformação. Quando eu tava em casa eu não tava, eu tava mais no bar, eu chegava à noite eles já tavam dormindo, eu era pai de final de semana.*

*Depois de 6 meses de separação, ah não, um ano, arranjei uma namorada, parei de beber, ela (minha esposa) não acreditou, fiquei de namoro sério, tinha uma vida regrada, fiquei me dedicando à empresa, fui também reconstruindo meu relacionamento com minha ex-mulher, tentei ter relacionamento mais saudável, tentei ajudar ela financeiramente, para ficar também bem com meus filhos, no começo da separação eles ficaram com ela (Pai 2).*

Em grau não tão preocupante, mas existente, foi presenciado também, na fala do Pai 3 quando contou que seu filho de sete anos dava conselhos à mãe referentes ao alcoolismo da mesma, quando da visita ao filho na casa do pai, dizendo que “ela tinha que parar de beber”, tomando para si o lugar de orientação, função relacionada aos pais.

*Ela bebe e fica descontrolada. São João, eu não esqueço, ela bebeu uns quentões a mais e começou a dar um show particular. Eu que já havia pensado em me separar foi a gota d'água, pensei: “Não é essa vida que quero para mim.” Nessa briga ela me agrediu fisicamente e eu revidei. Depois da separação, ela continuou a beber. Agora ela está na igreja e está tentando parar. Ela diz que quer parar de beber, a bebida a transforma em outra pessoa, está*

*tentando. Mas de vez em quando ela bebe, toma todas. Na última fez a maior zoada lá em casa, era Sexta-feira da Paixão...*

*Ela quando bebe fica insuportável, a bebida estraga ela, parou, mas dá umas recaídas, aí ela bebe mais, ela tá indo na Igreja Universal, quem sabe...*

*Nessa instabilidade de comportamento. ela batia no menino. Ela não é ruim não, mas a bebida... eu proibi ela de bater nele, eu não bato.*

Se alguns homens presenciam dentro do seu lar a presença do alcoolismo, como na família do Pai 3, estes também são julgados. Além do conceito de provedor, dentro do aspecto moral, os homens são avaliados também pelo seu comportamento (SARTI, 2005). Por exemplo, a moralidade do homem que bebe ou faz “vergonha” não é digna de respeito e considerações pelos seus, seja filhos ou esposa. Um adendo ao comportamento de consumo de álcool e relação aos conflitos familiares tende a justificar de forma unilateral a presença do álcool como causador de violência familiar.

Para a psicanálise, segundo Kaplan e Sadock (1993) o álcool seria um libertador dos nossos instintos (Eros e Thanatos), abrindo as portas para a expressão tanto da agressividade quanto do amor, da paixão, prazer e outros referentes a essas duas dimensões. Logo, o consumo do álcool liberaria repertórios pessoais, o conteúdo psíquico de cada indivíduo (a pessoa não faz nada que não faria). Se a violência é um desses conteúdos ela se manifestará, pois o superego (censurador) não está atuando, para impedi-la.

Dentro dessa premissa, o álcool pode ser um provocador, segundo o pressuposto da psicanálise, um agravante para os problemas de violência e não um causador de tais conflitos.

Para o Pai 1, porém, o álcool foi o meio escolhido para amenizar a dor da separação, com o agravante do boato espalhado na cidade do interior de que havia sido traído pela esposa. A irmã relata:

*O período que ele esteve para se separar foi de grande sofrimento. Não gosto nem de pensar. Quando o boato da*

*traição chegou, ele começou a beber e bebia muito, e não eram poucas as vezes que a família o via nessa situação. Todos ficaram preocupados que ele realmente virasse um alcoólatra.*

A irmã complementa que ele sempre foi de beber e que às vezes exagera. A família se preocupa e reclama com ele, principalmente para não dar mal exemplo para os filhos:

*O filho menor sempre foi mais apegado a ele, desde quando moravam no interior. Após a separação, ficou mais ainda. Quando se encontravam, ele não desgrudava do pai, que sempre estava bebendo ou ia beber. Nós protestávamos, principalmente em festas e encontros da família. O pequeno ficava com ele o tempo todo, o pai ia para lá ele ia junto. Voltava o pai, voltava o filho. Acho que era carência. Quando o pai ia dormir, ele deitava do lado para dormir junto. A gente brigava com ele, pois a criança ficava agüentando o bafo de cerveja do pai...*

O alcoolismo é um problema de proporções epidêmicas, a família faz intersecção com esta problemática e pesquisas dizem que a cada alcoolista afeta diretamente a vida de pelo menos quatro ou cinco outras pessoas (CARTER e MCGOLDRICK, 2001). No caso do Pai 2, houve a transmissão intergeracional desse comportamento durante um certo tempo. O Pai 1 não cessou, segundo informações atuais da irmã, o comportamento de beber assim como a Mãe 3. Entre as complexas causas deste comportamento podemos entender que, no caso do Pai 2, pode ser uma resposta a estresses impostos antes da separação e um agravamento para o Pai 1 durante o processo. Sabemos, no entanto que o alcoolismo tem suas complexas origens.

#### 4.3. Rede de Apoio

A última temática pesquisada, rede de apoio, ofereceu subsídios para a compreensão de instituições, pessoas (parentes ou não), que estão envolvidas com este pai na tarefa de educar. Como os pais aqui pertencem á classe média essa rede não se expandiu para projetos, instituições de apoio social, creches e

políticas sociais que atendem a famílias carentes (SARTI, 2005; CARVALHO, 2005).

A qualidade da rede de relacionamento e a satisfação das trocas como suporte, segundo Bee (2003) afetarão a família. Os pais que têm acesso a apoio emocional e físico, dos amigos e da família são capazes de responder aos filhos de maneira mais carinhosa, mais consistente e mais controlada.

O Pai 1 não tem contato com grupos de apoio, nem se relaciona com pais que estejam na mesma situação de pai sozinho no cuidado com os filhos, também se utiliza de literatura específica ou buscou ajuda de profissional especialista na área. Apesar de sua família de origem ser extensa e ter contado com rede de parentesco ampla (8 irmãos, primos, tios e tias) na sua infância e adolescência, na atual situação não citou nenhum parente ou pessoa próxima para apoiá-lo. Diz também que não quer ocupar ninguém com seus problemas.

*Não conto com ninguém, quando preciso sair para ir a uma reunião do colégio dos meninos, saio mais cedo do trabalho, cuido de todas as questões de saúde, escola, alimentação, faço tudo sozinho, nunca precisei, mas posso contar com meu irmão, dele tenho apoio, nos damos bem.*

A irmã comenta que a família é muito unida e que estariam abertos para qualquer ajuda, mas repete que ele é muito fechado e talvez mesmo que estivesse precisando, resistiria a pedir, porém a ex-esposa 2 está sempre por perto, não se envolve com os filhos do primeiro casamento, mas é amiga e conselheira deste pai.

O mesmo pai diz que educa no que aprendeu com seus pais e tenta refletir no que achou certo e errado da sua educação. Não destacou nenhum amigo significativo que possa trocar experiências de pai, nem na vizinhança, nem na escola. A irmã complementa que o amigo é o dono do bar onde frequenta perto de sua casa, mas talvez não se traduzisse em rede de apoio.

O Pai 2 não conta muito com a mãe dos meninos. Tem na faculdade com os conteúdos de psicologia e na psicoterapeuta seus maiores apoios:

*Se acontecer algum imprevisto eu largar o trabalho e vou lá, se eles adoecem, por exemplo, eu tenho que largar tudo, porque também ela, a mãe mora longe, não tem carro, não pode agilizar no caso. Tento como já falei sempre manter contato, mas ela não corresponde como deveria, eu gostaria que ela participasse mais. Faço terapia até hoje, ela começou a uns tempos tomara que mude, fique mais atenta e me ajude mais..*

A empregada também foi apontada como uma pessoa de confiança e com boas referências para cuidar dos meninos e oferecer apoio, mas ela retornou à sua família de origem no interior do estado. Agora contam com uma diarista, mas sem envolvimento emocional como a outra que foi embora.

Algumas amigas da faculdade e namoradas (falou em especial de duas que também tinham filhos), oferecem momentos de trocas e apoio emocional, que de certa forma também contribuem.

O pai 3, que possui seu local de trabalho em casa, conta atualmente com apoio de uma empregada (diarista) e com apoio emocional dos amigos e da sua família de origem. Possui contato especial com uma tia que, desde que sua mãe se separou, acompanha sua trajetória. Tem afeto especial por ela, que sempre “olhou” por ele e seu filho. Complementa que sempre quando surge alguma dificuldade ou dúvida no como educar recorre às suas primas, tias e tenta também conversar com amigos que tenham filhos pequenos.

Quando acontece algum contratempo, recorre a mãe, amigos ou parentes, mas sempre atento para que nenhum mal ao menino venha a ocorrer:

*A minha mãe pode ficar com ele, mas é contramão, muito esporádico ele ir lá. A empregada agora que me ajuda, faz pouco tempo, mas como disse antes era tudo comigo, preciso trabalhar para ganhar dinheiro para o nosso sustento, sem empregada até consigo, mas é bem mais difícil.*

*No trabalho os amigos ajudam a cuidar quando eu tenho que sair para ir ao banco ou resolver algo na rua, eu confio neles, eles jogam videogame com ele, gostam dele também.*

*Eu converso com ele para saber como foi quando ficou aos cuidados de alguém, tipo lá no trabalho. Pergunto: “E aí, como foi lá? O que fizeram? Alguém colocou você para sentar no colo dele?”, Eu sempre pergunto, a gente vê tanta maldade*

*por aí, na televisão, todo dia. Não tenho ajuda de nenhum profissional, na época que me separei eu estava precisando, mas sem dinheiro, agora acho que ele não precisa, é um menino saudável, me conta as coisas.*

*Quando eu quero viajar sozinho, é raro, mas eu converso com ele para ver se ele quer ficar lá na avó ou na tia, levo na sexta, como agora vou fazer e pego na segunda, mas fico atento, só levo se ele quiser, se ele concordar, se não eu pergunto por que, tento convencer e saber o porquê não. Minha mãe diz que eu posso contar com ela para tudo, mas tenho que levar ele lá em Paripe.*

O Pai 4 diz que o apoio maior era realizado com sua esposa:

*A rotina sem a minha esposa foi algo muito doloroso, quando acordava não tinha mais ninguém para conversar, de manhã, a cadeira dela na mesa estava vazia, a ausência dela dentro de casa, era muito sentida e dolorida, pensava: com quem vou sair? Conversar? O vazio dela também era muito ruim, minha rotina mudou totalmente...*

Encontrou apoio inicialmente na própria empregada que cuidou dele na infância, mas ela teve que ir embora, pois também era do interior. Sua irmã o ajuda com trocas de experiência e também encontra na escola, onde participa do colegiado, relações de amizade e apoio.

Quando foi questionado sobre o papel da avó como apoio, que até então oscilava entre a casa dele e da irmã, ele respondeu:

*Olha... Minha mãe enlouquece qualquer um, ela tem várias opiniões sobre uma coisa ao longo do dia, é totalmente incoerente e isso me preocupa, tenho medo que ela fique muito tempo sozinha com os meninos, eu nem converso com ela direito para não brigar, é carga pesada... Ela trata o menor como se fosse uma menininha, indefeso, e quer que eles fiquem com o ideário de infância que ela tem tipo criança gordinha é saudável... É difícil.*

*Mas como eu que faço meus horários, estou muito presente, concílio o tempo que eles estão na escola com o meu tempo de trabalho. Se tiver alguma emergência dentro do possível minha mãe cuida deles, mas ela já está idosa não tem mais saúde para isso.*

Diz que seu amigo de trabalho lhe dá apoio emocional, mas que conta com ele mais ele mesmo na maioria das vezes e que a vida o empurrou para essa missão de educar sozinho pela fatalidade da morte da esposa e que se esforça para exercer essa missão.

Assim, direta ou indiretamente os pais, possuem algum tipo de apoio, limitado ou amplo.

O efeito do apoio social sobre os pais é especificamente mais evidente e importante quando eles passam por algum tipo de estresse, como perda do emprego, divórcio, luto ou apenas cansaço. Esse apoio pode ter efeito “protetor” dessas situações de adversidades.

Como regra geral, Bee (2003) comenta que o apoio social parece permitir aos pais mobilizar as melhores habilidades do seu repertório. Além disso, nem toda “ajuda” da família ou dos amigos é sentida como apoio pelos pais.

## Considerações Finais

Se equivocadamente muitos diziam que a família estava em crise e até morrendo devido aos variados arranjos que estava assumindo, pelos desmembramentos do modelo nuclear, hoje podemos encontrar nas configurações de pai e mãe diversos modos de funcionamento: o homem cuidando sozinho de seus filhos é um desses variados arranjos.

Este arranjo (monoparental) não foge à regra de inquietações familiares e alguns pontos conflituosos nas questões da figura paterna foram apresentados. O homem, na intersecção com a própria dinâmica social, capta o movimento no qual tenta reinventar seu papel frente às novas exigências familiares e sociais.

Observa-se ainda a pouca existência de famílias monoparentais compostas pelo pai. A produção literária nacional não apresenta muitos achados quanto ao homem-pai que cuida sozinho, composta apenas pelo homem face às mulheres sós que cuidam ou chefiam famílias, talvez pelo fenômeno ser menos freqüente. O “estar sozinho” para o homem muitas vezes é visto apenas como um momento de sua não conjugalidade, passageiro até a nova companheira ser encontrada. O tema paternidade está em voga, porém, sempre em relação quase sempre a família nuclear.

Raros, então, seriam estes pais pesquisados que até então não possuem outra mulher em coabitação, apesar de história de vida correspondendo aos cuidados que recebiam pela vertente feminina, ora quando seus pais viviam juntos, ora quando se separavam a demanda de cuidados era suprida por mães, tias e avós, no caso dos quatro pais aqui pesquisados enquanto filhos.

A decisão de cuidador dos filhos sozinhos obedeceu a uma diversidade de situações: foi incentivada pela ex-esposa do pai, pelos estudos do filho na capital do estado, pela espontaneidade e desejo do pai e pela fatalidade da morte da esposa do pai. Porém, esses aspectos que levaram a criança a ser criada pelo pai passou pelo consentimento e aprovação dos mesmos que, mesmo em condições bem diversificadas, poderiam ter optada por designar essa tarefa a terceiros ou a

outros membros da família. Mas decidiram ficar sozinhos com os filhos e pelos depoimentos estão felizes e são realizados por esta decisão, não concebendo o retorno dos filhos para o lar da mãe.

É relatado na Representação Social do homem-pai (tema norteador 3) que o homem está em transição, ainda estranhando as novas exigências femininas. Estariam “perdidos”, na opinião deles; relatam que as mulheres de hoje são bem diferentes da época da sua mãe e estão menos tolerantes a infidelidade masculina, por exemplo. Concordam com as mudanças femininas; dizem que hoje temos uma confusão, que as mulheres “estão mais homens” (nas palavras de um dos pais), que há um tempo atrás, eram mais submissas. Se frente às mulheres os homens estão confusos, frente aos filhos há perspectivas positivas, apoiadas por autores que anunciam relações filiais mais próximas e afetivas com os filhos, embora no aspecto amoroso-erótico, as perspectivas talvez não sejam as mesmas.

Os homens, apesar de uma movimentação gradual na esfera de cuidados infantis, não estão mudando por acaso ou livre iniciativa; as mulheres estão de certa forma, provocando mudanças quando ocupam espaços públicos, necessitam da presença destes para administração do espaço privado.

Assim, a transição da mulher para esferas públicas do mercado de trabalho, de certa maneira, favoreceu a participação masculina na esfera doméstica e no cuidado com os filhos, alterando as configurações domésticas com formas diferenciadas de relações entre homem e mulher, entre pais e filhos. Há uma chamada maior na atualidade para os pais atuarem no ambiente doméstico.

Outro ponto que justificou a mudança do homem atual foi a independência financeira de algumas mulheres, o que as torna menos submissas nos casamentos e relações amorosas em geral. Os pais entrevistados observam que suas namoradas, por exemplo, são ocupadas: trabalham, estudam, fazem ginástica e são bem mais exigentes quanto aos relacionamentos, querem momentos a sós com o namorado-pai nos finais de semana; não o tendo preferiam terminar o namoro, sem muitas tormentas.

Os entrevistados acreditam que o homem e a mulher estão muito diferentes e isto equivale às exigências sociais: os pais reclamam que as mulheres querem direitos iguais, porém em alguns quesitos como gastos financeiros e homem protetor elas optam pelo “velho” homem, o provedor, embora acrescentando não serem todas as mulheres assim.

Os pais pesquisados acreditam que homens e mulheres estão bem diferentes da época de seus pais; mas, se eles conversarem e combinarem na educação dos filhos, mesmo estando separados, essa diferença não irá atrapalhar, impedir uma boa convivência.

Da nutrição para a tarefa de educar (tema norteador 4: Rede de Apoio), dois pais estão atentos à literatura e programas televisivos ou documentários em que se discute educação de filhos. O pai formando em psicologia redobra a atenção em textos que falam sobre temas referentes à família, vínculos e desenvolvimento, tendo acesso à maior bagagem na área de humanas. Na estrutura do dia a dia contam apenas com uma diarista, exceção ao que momentaneamente está morando com a mãe e ao que não tem empregada. Entendida como suporte, esses pais não possuem perto de suas casas familiares, ou família extensa que ofereça apoio.

O primeiro pai entrevistado acredita que sua experiência o guia e conserva o modelo que recebeu dos pais, resgatando a falta de tempo para que os pais fiquem na supervisão de seus filhos.

O pai viúvo confiou na ajuda de uma irmã que indiretamente lhe dava suporte, mas para educar confia nas suas reflexões sobre a educação que recebeu, ora negando, ora aplicando modos de cuidar dos seus próprios pais, mas, no desenvolver da entrevista, ressignificou muito mais do que repetiu o modelo de seus pais. Coloca sua mãe como problemática e sem iniciativa, seu pai como ausente e autoritário (avô), repensando esses aspectos na sua função paterna. A Rede de Apoio com esses pais conta com alguns parentes (tios, tias, avós, irmãos) e não parentes (empregadas e amigos); porém, os pais não incorporam esse apoio sistematicamente, o que os caracteriza ainda mais na assunção

paterna solitária. Todos recorrem esporadicamente a esse apoio, relatando que preferem é sempre estar por perto e serem os únicos responsáveis.

Porém, na educação dos filhos no cotidiano, há um consenso que as questões deveriam ser discutidas a dois (pai e mãe), não sobrecarregando nem o homem nem a mulher. Talvez com a aprovação da guarda compartilhada, esse processo seja iniciado.

Esta pesquisa tenta explicitar o percurso do pai solitário, como ocorreu a vinda dos filhos, o que realizam no dia a dia, como o fazem para realizar uma boa demanda de cuidados; porém, o que não se consegue compartilhar é o brilho no olhar dos pais ao falarem de seus filhos, da emoção não só quando falavam deles mas também dos seus pais, no carinho imensurável que demonstram sentir por eles, fazendo com que as dificuldades diárias sejam minimizadas.

As convenções sociais abrem espaço para novas configurações de vivências, e os pais solitários na tarefa de cuidados são exemplos dessa premissa. Citando Eça de Queiroz por Albuquerque Filho (2002, p.1): "O amor paira acima das convenções sociais" e legais.

Acredito que esta pesquisa proporcionou aos participantes, e a pesquisadora, momentos agradáveis e de contemplação de seus vínculos, de saudades e encantamentos, por exemplo, ao lembrarem pessoas que amaram e que cuidaram deles na infância: babás, empregadas, professoras, amigos, tios, avós, assim como episódios dessa fase, como brincadeiras com irmãos e primos, festinhas e comemorações, encontros, passeios, ambiente escolar e outros. Ao relatar na entrevista suas vidas, os pais voltaram a esse tempo.

Enfim, recordaram também dos amores que se tornaram relações mais sérias ou não, das pessoas que apoiaram suas decisões de pais e de outras emoções, das dores e feridas emocionais que fizeram e fazem parte das suas histórias de vida.

Alguns pais, atendendo a demandas atuais de uma maior participação e atenção para com os filhos, se dispõem a fazê-lo, o que seria indício de mudança; porém, a assunção solitária responde às "possibilidades" dessa configuração familiar.

A idéia de um pai próximo foi iniciada no século XX com a inserção da mulher no mercado de trabalho o que "exigiu" um pai que passa a ser um pouco mais

envolvido com os filhos, não em uma divisão igualitária de cuidados, mas já participando de atividades lúdicas com as crianças, orientando-as, conversando mais e demonstrando carinho por elas. Longe da questão do envolvimento no lar a dois, o pai sozinho é pouco pesquisado, o que dificultou a análise dos dados.

Nos fundamentos teóricos nacionais, as referências são de análise do papel do pai, suas mudanças, seus comportamentos frente a família nuclear, o que representou um limite desta pesquisa.

Portanto, o desempenho do papel da paternidade, isto é, o lugar do pai para o grupo familiar em termos de amparo afetivo, de importância para os filhos além do papel de provedor, apresenta-se como fonte de inquietações e exige investigações para atender à compreensão do pai contemporâneo, transitando entre papéis tradicionais e o cenário presente que exige do mesmo outras manifestações como a afetividade e participação educativa. O que se verificou nesta pesquisa foi um pai possivelmente comprometido com seu papel no desenvolvimento “saudável” das crianças, mais afetivo, menos autoritário e mais sensível às subjetividades familiares como: cuidado, envolvimento, enfim criação de filhos.

Os limites da paternidade solitária estariam tanto na prática desses pais em, por exemplo, estarem na maioria educando adolescentes, sendo na infância, período que talvez exigisse desses maiores dedicação e cuidados, até as mães os impedissem sejam pela biologização (gravidez, amamentação) e representação de que o feminino tem o dom de cuidar. Porém, um desses pais cuidou de seu filho recém nascido, outro com uma criança de 5 anos, não cabendo aqui uma generalização para todos os pais, mas um indício de possibilidade.

Ressalto que o pai que ficou viúvo logo quando o filho nasceu, seria o representante mais expressivo da questão da subversão da ordem, pois se o pai-homem já é excluído da cena quando da disputa, ou mesmo da opção, pela guarda do filho (apesar das mudanças, os índices comprovam a supremacia da mãe-mulher no cuidado) quando os filhos já saíram da primeira infância, imaginar que esse homem seja competente com um recém nascido deve ser ainda mais estranho socialmente.

Essa foi a história que mais me impressionou e que me fez refletir que há mais possibilidades do que limites na questão de o pai ficar sozinho nos cuidados com os filhos, embora a “humanidade” ainda não esteja pronta para absorver essa possibilidade.

Acredito que estar disposto a fazê-lo, ora por necessidade ora por desejo, justifica as possibilidades. Os limites podem ser demarcados pelo próprio contexto sócio-histórico que não traz em si o homem-pai na arena dos cuidados infantis, uma barreira que pode cair pela mesma condição que a constitui, isto é, a multiplicidade de fatores da atualidade que não dividem mais esfera pública e privada pertencentes à atuação de mulher-mãe ou homem-pai.

Portanto, a agenda de discussão sobre a família moderna se mostra indissociável dos questionamentos sobre os papéis que seus membros (pais-mães-filhos-avós) desempenham na contemporaneidade, especificamente a função paterna intencionada aqui.

Assim, podemos observar que, se por um lado temos esse pai emergente, preocupado e afetivo com sua prole, especificamente estes da pesquisa que estão centralizando os cuidados além da esfera doméstica (reunião da escola, médicos, dentistas, aniversários, etc.), isto é, os pais como potencializadores do bem-estar físico-emocional, por outro lado, vivenciamos na sociedade pais desintegradores, nocivos aos seus filhos, como no caso de violência doméstica, da qual podem ser os principais responsáveis.

Como sugestão de pesquisas futuras, caberia a investigação da vida dos filhos de pais que resolveram educar sozinhos, reintegrando cuidados específicos para cada fase do ciclo vital (recém-nascidos, infância, adolescência), ouvindo o foco dos cuidados: os filhos, assim como relatos das ex-esposas, oferecendo subsídios para um maior aprofundamento da questão.

## Bibliografia

ABOIM, S. As orientações normativas da conjugalidade. In: WALL, K. (Coord.). *Famílias no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais/TCS, 2004.

ALSOP, P.; e MCCAFFREY, T. (Orgs). *Transtornos emocionais na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

AQUINO, L M.M.L. A educação Infantil e o exercício da paternidade. . In: SILVEIRA, P. *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ÁRIES, F. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

AZEVEDO, A. J. de. Retrocesso no direito de família.Site; [www.sociologia-caiuaficha/doutrinaartigos.br](http://www.sociologia-caiuaficha/doutrinaartigos.br), pesquisado em 18/07/2008

AZEVEDO, M. A. Que pai é este? *O Estado de S. Paulo*. Coluna Cá entre nós. 18/09/1999.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, A. N. V. Pondo os pingos nos is. Módulo 1 A/B do Curso de Pós-graduação em Violência Doméstica contra criança e adolescente. Laboratório de Estudos da Criança (LACRI)-Instituto de Psicologia USP, 2001.

\_\_\_\_\_ Ousar assumir. Pondo os pingos nos is. Módulo 2 A/B. Curso de Pós-graduação em Violência Doméstica contra criança e adolescente. Laboratório de Estudos da Criança (LACRI)-Instituto de Psicologia USP, 2001.

\_\_\_\_\_. O olhar instrumentalizado transdisciplinar. Pondo os pingos nos is. Módulo 2. 3 A/B. Curso de Pós-graduação em Violência Doméstica contra criança e adolescente. Laboratório de Estudos da Criança (LACRI)-Instituto de Psicologia USP, 2001.

\_\_\_\_\_. Agir, agir, agir sempre em defesa da criança. Módulo 4 A/B. Curso de Pós-graduação em Violência Doméstica contra criança e adolescente. Laboratório de Estudos da Criança (LACRI)-Instituto de Psicologia USP, 2001.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, A. N. V. . Da utopia à realidade. Módulo 5 A/B. Curso de Pós-graduação em Violência Doméstica contra criança e adolescente. Laboratório de Estudos da Criança (LACRI)-Instituto de Psicologia USP, 2001.

\_\_\_\_\_. Construindo as estatísticas. Módulo 6 A/B. Curso de Pós-graduação em Violência Doméstica contra criança e adolescente. Laboratório de Estudos da Criança (LACRI)-Instituto de Psicologia USP, 2001.

BARBIERI, C. P. A função Paterna. *Cogito*. Publicação do Círculo Psicanalítico da Bahia, n. 3, 2001

BARSTED, L. L. Contribuições do feminino para o exercício da paternidade. In: SILVEIRA, P. *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BASTOS, A. C. B. Idéias sobre a criação de filhos: uma invenção cultural. *Psico*, 22(2)\_63-87, 1991.

BEE, H. A criança em desenvolvimento. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BOCK, A.M.B. *Psicologias: uma Introdução ao estudo de psicologia*. 13 ed. São Paulo: Saraiva 1999.

BRAGHIROLI, E. M. (Org.). *Psicologia geral*. Porto Alegre: Ed. Vozes, 2002

BRUSCHINI, C. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A. e GUERRA, V. *Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 2000.

BURDON, B. Envolvendo os homens na vida familiar: se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? In: SILVEIRA, P. *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CALDANA, R. H. L. A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. *Temas em Psicologia*. USP, v. 6, n. 7, p. 87-103, 1998.

CAMPOS, R. Surge um novo homem. *Viver Psicologia*, ano VII, n. 82, 1999.

CARDOSO, A. M. *Percurso de um símbolo: manifestações do símbolo paterno nos primórdios das culturas grega e hebraica e na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica do Salvador-BA, 2005.

CARTER, B. e MCGOLDRICK, M. *As mudanças no Ciclo Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CAVALCANTI, V. Educação, história e gênero. Palestra proferida na II Jornada de Estudos e Pesquisas em Família. Em 28 de março de 2008, na Universidade Católica do Salvador-Bahia.

CAVENACCI, M. *Dialética da família*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CICHELLI-PUGEAULT, C. e CICHELLI, V. *Las teorías sociológicas de la familia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.

COLOMBO, E. *Descrever o social: a arte de escrever e pesquisa empírica*. In: MELUCCI, A. *Por uma sociologia reflexiva*. Petrópolis: Vozes, 2005.

COSTA, T. J. M. *A desestruturação familiar e a conduta juvenil desviada*. Disponível em: <<http://www.tjmg.gov.br/jij/defacoju.html>>. Acesso em 21 jul.2006.

DANTAS,C.; JABLONSKI,B.; FÉRES-CARNEIRO, T. *Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após separação conjugal*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2004.

DAVIDOFF, L. L. *Introdução à psicologia*. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2004.

DE ALBUQUERQUE ,C.C.F. *Famílias Simultâneas e concubinato adúltero*. Texto extraído do JUS Navigandi.

<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=2839> em 18/07/2007

FANTI, C. B.; RISTUM, M. A mediação da babá na relação com crianças em ambiente doméstico. In: MOREIRA, L.; CARVALHO, M. A. (Orgs.) *Família e educação: olhares da psicologia*. São Paulo, Paulinas, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: reflexão e Crítica*, v.11, n.2, 1998.

FONSECA, C. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Revista de Estudos feministas*, v.12, n. 2, 2004.

FRIEDMAN, H.S.; SCHUSTACK, M.W. *Teorias da Personalidade. Da teoria clássica à pesquisa moderna*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

GIDDENS, A. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

\_\_\_\_\_. *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

GIFFIN, K. Exercício da paternidade: uma pequena revolução. In: SILVEIRA, P. (org.). *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GIFFIN, K.; CAVALCANTI, C. O homem e reprodução. *Revista de Estudos Feministas*, v.7, n.1-2, 1999.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 20, n.2. Brasília, maio/ago., 2004.

GOULART, M. C. V. *A função paterna na contemporaneidade: uma análise psicanalítica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica do Salvador. Salvador-BA, 2005.

GUARESCHI, N. Comunicação e Psicanálise. In: GUARESCHI, P. *Comunicação e Controle Social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. *Teorias da Personalidade*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

HEINOWITZ, J. *Pais grávidos: a experiência da gravidez do ponto de vista dos maridos*. São Paulo: Cultrix, 2005.

JACQUET, C.; COSTAL, F. *Família em mudança*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

KAFKA, F. *Carta ao Pai*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

KLAUS, M. H.; KENNEL, J. H.; KLAUS, P. H. *Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre: Arte Médicas Sul, 2000.

LANE, S. T. M. L.; SAWAIA, B. B. (Orgs). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense-Educ, 1995.

LEHFELD, N. A. S.; BARROS, A. J. P. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LIMA, A. *Família: diversos dizeres*. Recife: Edições Bagaço, 2004.

LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Orgs.) *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MALDONADO, M. T. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir*. São Paulo: Saraiva 1996.

MORAES, V. de. *Para viver um grande amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MORI, M. E.; COELHO, V. L. D. (2004).Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, v. 2, p. 177-187, 2004.

MONTGOMERY, M. *O novo pai*. São Paulo: Editora Gente, 1998.

MORANDÉ, P. C. Família e sociedade contemporâneas. In: PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V. R. S. (Orgs.) *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.

NOLASCO, S. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

OLIVEIRA, F. WERBA, G. Representações Sociais. In: JOVCHELOVITCH, S; GUARESCHI, P. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PAIVA, M. *Sentimento masculino*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PERELBERG, R. J., MILLER, A. C. *Os sexos e o poder nas famílias. E quanto aos homens?* Rio de Janeiro: Imago, 1994.

PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V. R. S. *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.

PETRINI, J. C.; MOREIRA, L. V.; ALCÂNTARA, M. A. R. *Família XXI: entre a pós-modernidade e o cristianismo*. São Paulo: Companhia ilimitada, 2003.

PRADO, A. B; PIOVANOTTI, M. R. A; VIEIRA, M. L. Não basta ser pai, tem que participar. *Revista: Psicologia Brasil*. Editora Criarp, ano 2, n.12, p.12-16, 2004.

RAMIL, K. *O pai invisível*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

RIBEIRO, J. Violência e drogas: a solução passa por uma paternidade responsável. *Revista Brasil Responsável*, nº 0016. Editora Escala, 2007.

ROHENKOHL, C. F. O lugar do pai e o trabalho psicanalítico com bebês ou três dimensões da exclusão. In: WANDERLEY, D. B. *Palavras em torno do berço*. Salvador: Ágalma, 1997.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTA ROSA, F. Paizões assumem a porção maternal. *Jornal A Tarde*, Salvador, 12 ag. 2007.

SARTI, C. *A família como espelho*. São Paulo: Cortez, 2003.

SCOTT, P. Família sem casais e a diversidade conjugal no Brasil. *Interseções*. Revista de Estudos Interdisciplinares, UERJ, ano 3, n. 2, p. 93-112, 2001.

SILVEIRA, P. *O exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SINGLY, F. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C.; SINGLY, F.; CICCHELLI, V. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SPITZ, C. Salvador tem maior proporção de mulheres chefes de família, diz IBGE. *Folha de S. Paulo*, 4-10-2006.

UNBEHAUM, S. G. A desigualdade de Gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In: ARILHA, M., UNBEHAUM S.G. e MEDRADO, B. *Homens e Masculinidades. Outras palavras* (orgs). São Paulo: Ecos/ed.34, 1998.

## **Anexos**